

Ibbiti

PROJETO

42 ANOS



FELICIDADE
REGENERAÇÃO
INTEGRAÇÃO
TRAJETÓRIA

Em paz na própria pele e com o mundo
Nosso compromisso com o planeta
Diálogo, parceria e ações com o entorno
Mais de 40 anos de histórias



Um monge chegou às margens de um vilarejo e perguntou a um morador como era a vida ali. “Muito boa”, garantiu. Adiante, indagou do outro. “Muito ruim”, atestou o segundo. Se a vila é única, por que avaliações opostas? Porque todo lugar, na essência, é neutro. São nossos olhos, nossa predisposição em ser feliz, ou infeliz, que adjetivam a experiência.

Conto budista

Há 42 anos, a imagem de uma ferradura de proteção verde em volta do Parque Estadual do Ibitipoca ilustrava nossa missão regenerativa. Hoje, a mandala traduz melhor o espírito do Ibiti Projeto. Há movimento, interconexões e lauta diversidade nos fios que traçam a história desse lugar, onde terra, plantas, animais e pessoas se unem em um grande organismo vivo. Preservação e reflorestamento permanecem em pauta; o olhar, porém, se ampliou. Temos consciência da responsabilidade planetária e devemos assumir as consequências globais de nossas ações, em nível socioeconômico e ecológico. Assim, esperamos que cada um que aqui chegue se norteie pelo senso de coletividade, pois nossas atitudes podem afetar nós mesmos, os outros e o meio ambiente. Neste desenho que busca relações em harmonia com a vida, há mais uma cor: o desejo de atingir o maior índice de felicidade *per capita* das Gerais. Ou do Brasil. Quiçá, do mundo! Porque aqui só se sonha alto. Abra as asas desta revista com o olhar disposto a encontrar belezas e vem com a gente. Porque sonho que se sonha junto... Um dia será realidade.

Equipe do Ibiti Projeto

Ibity

PROJETO
42 ANOS

6	42 Anos de História HÁ MUITO A FESTEJAR
12	Coletividade CELEBRE A FESTA
14	Cultura Caipira UM DEDO DE PROSA
18	Comunidade ENTRE VILAS E VALES
22	Vizinhos #TAMOJUNTO
26	Bioconstrução OCA NA ROÇA
28	Comuniversidade ALDEIA DE INTERAÇÕES
34	Preservação REWILDING
42	Ecologia Ô ABRE ALAS
46	Regeneração QUANTO VALE?
50	Artigo UM PASSARINHO ME CONTOU
51	Flora PLANTANDO AVES
54	Alimentação BELEZA QUE PÔE MESA
60	Plant-based NA ONDA VEG
62	Entrevista BATE-PAPO COM O CHEF
64	Hospedagem ESCOLHA SUA VIBE
72	Wellness BE HAPPY
78	Roteiros CURTA OS CIRCUITOS
88	Educação MESTRA NATUREZA
92	Ibity Kids VIVA A LIBERDADE
96	Felicidade TEMPO DE PLANTAR
100	Enquete O QUE É FELICIDADE?

O IBITI PROJETO É COMO UM ORGANISMO VIVO.

Nasceu modesto e, 42 anos depois, se esparrama por mais de 6 mil hectares, abraçando pessoas e animais com vegetação nova e pujante. Veja como a terra nua foi se fartando de verde, possibilitando que muitas outras ações se desenvolvessem neste cenário.

HÁ MUITO A FESTEJAR

Arredores do Engenho Lodge em dois tempos: antes e depois do processo de regeneração





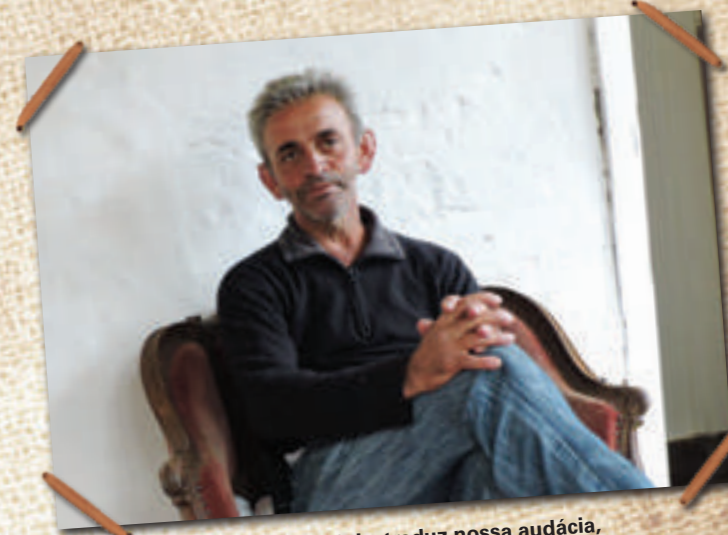
Entre a primeira equipe da, então, Reserva do Ibitipoca estão tio Aroldo e Antônio Nilo (3º e 4º da dir. para a esq.)

Pasto, gado, cerca, casas com curral e um grande isolamento. Estes componentes delimitaram a paisagem da região de Ibitipoca por décadas, mantendo gerações presas ao solo e às belezas naturais ocultas, quase inacessíveis. Com o tempo, a dificuldade em transportar o leite e a falta de perspectivas da economia de subsistência impulsionaram a migração, deixando terras quase abandonadas. A surpreendente mudança no cenário, do verde-acinzentado do capim à exuberante riqueza das matas, é resultado de um longo processo de investimento no reflorestamento e na refaunação. Hoje vemos os morros cobertos por espécies da Mata Atlântica, com áreas pontuais de produção agrícola e algumas

construções, que viabilizam o turismo regenerativo. Nossa história começa em 1982, com a compra da Fazenda do Engenho por Carlos Repetto, grande amigo e primo do Renato Machado, que três anos depois se tornaria seu sócio. “la uma galera todo final de semana; aí, para minimizar o prejuízo, fiz uma varanda e abri uma pousadinha”, conta Carlinhos. A turma se encontrava para fazer trilhas, descer o rio de boia, andar a cavalo, festejar a amizade, a saúde e a natureza – elementos que compõem o DNA do Ibiti Projeto. Assim como o intuito de regenerar as terras degradadas, beneficiando todo o entorno; em especial, o Parque Estadual do Ibitipoca, conhecido por suas grutas, escarpas e águas cor de ferrugem.



Raquel Pazos, nos idos de 2007. Há quase duas décadas, ela ajuda a dar forma aos sonhos no Ibiti Projeto



Reginaldo Fagundes, o Régis, traduz nossa audácia, energia e empenho “em fazer acontecer”

Criamos um extenso corredor natural para diversas espécies da fauna; e de amortecimento contra incêndio, caçadores e “palmiteiros”. O novo panorama, nos 6 mil hectares de terra atuais, está propiciando a manutenção de nascentes, o enriquecimento do solo e o retorno de animais, como irara, paca e até onça-parda. Ibiti se tornou um refúgio para espécies ameaçadas de extinção, especialmente o miqui-do-norte. Este que é o maior primata das Américas foi nossa primeira logomarca. Agora usamos a bromélia *Billbergia distachia*, espécie endêmica do Brasil e comum na região, pois a meta é a valorização do lugar como um todo, com as intrincadas relações entre as espécies. Ao longo de mais de quatro décadas, mudamos também o nome:



Valorizar tradicionais iguarias mineiras faz parte da nossa trajetória desde sempre



Casa do Benjamin, uma das construções mais antigas, já estava lá quando as terras foram compradas



Família de Carlos Repetto, um apaixonado por Ibitipoca. Foi dono da Fazenda do Engenho e da Casa Carlinhos. Hoje frequenta como amigo



Seu Antônio Rosa, artesão talentoso, é um dos veteranos do Ibiti Projeto

Em 1999, Carlinhos não era mais dono, mas continuou vestindo a camisa



Tziu, Joaquim, sr. Vander e seu Domingos: turma boa de obra e de papo

no início Reserva do Ibitipoca, depois Comuna do Ibitipoca e, desde 2022, somos Ibiti Projeto. O motivo? Nossas ações abarcam muitas frentes e estamos em constante movimento.

Hélio Pellegrino, um dos arquitetos que traçou com afeto o projeto do Engenho Lodge, disse que “deixar o mato crescer” é um toque político, pois “o mato somos nós”. Pois bem, estamos crescendo. Não apenas em termos de área regenerada, como em ideias e ações. Ampliamos as oportunidades – de trabalho, conhecimento, convivência – para nossos empreendedores, colaboradores, moradores da região e visitantes. E, sobretudo, buscamos diariamente criar um terreno fértil à felicidade.

“Era uma pobreza aqui antes do turismo. Quando a terra aqui valorizou, eu mesmo me beneficie: vendi a minha e comprei outra melhor”, diz Dario Tadeu da Silva, seu Darinho, nosso vizinho. Seu Antônio Nilo também lembra da dificuldade dos tempos passados: “Já rocei muito pasto, vi gente doente esperando subir uma ajuda de Lima Duarte, criança sem estudo. De lá pra cá mudou muito. Não é inventação, é o que vi acontecer.” Ele é dos mais antigos moradores e gosta muito do lugar. Satisfeito com as mudanças e com a vida que leva, seu Nilo é o guardião do Mogol, vilarejo que acolhe nosso conceito Village de hospedagem e é a “capital” do Ibiti Projeto.

Desde que abrimos para o turismo, em 2009, decidimos, em vez de contratar mão de obra especializada, treinar moradores locais. “A pessoa não precisava ter estudo, nem experiência, bastava ter gana, vontade

de aprender”, explica Raquel Pazos, diretora administrativa. Na equipe desde 2006, ela é responsável pela implementação de vários projetos, como a Life School, e orquestrou, com Renato Machado, a gestão do Ibiti Projeto. Raquel conta que, com o tempo, a turma foi se preparando profissionalmente e agora há um programa para isso, o Ibiti Capacita, para que todos possam crescer, ampliando possibilidades de geração de renda para a região.

A escolha de contratar gente da terra acabou se tornando um diferencial. O hóspede se encanta com a informalidade da nossa cultura mineira, de boa prosa, tranquilidade, receptividade e com o convite à felicidade na simplicidade. Quem já teve a honra de conversar com Reginaldo Fagundes, o Régis, entende bem. Assim como ele, nossos guias levam alma, humor e ótimos causos em cada passeio.

Mantemos os pés na farta cultura das Minas, mas nossa mente viaja longe! “Por enquanto, estamos tomando a dianteira, mas junto com a comunidade vamos encontrar o caminho para que aqui seja sustentável”, avalia Renato Machado, idealizador do Ibiti Projeto. Quem passa um período sem vir aqui sempre se surpreende com o ritmo acelerado com que ideias tomam forma, ações se desenrolam e surgem novas construções. Aliás, apesar da tinta fresca, nosso estilo arquitetônico remete ao século 18. O Engenho Lodge parece um autêntico casarão de barão do café! A história, porém, é outra. No Ibiti Projeto se usa um sistema construtivo moderno, com materiais duráveis, e com resposta estética semelhante ao co-

lonial mineiro influenciado pelos bandeirantes. Porque a intenção, desde o começo da nossa história, é valorizar a cultura e a mão de obra local. E, claro, cuidar de toda a beleza que nos envolve. Da captação da chuva ao uso da energia solar, passando pela reutilização de materiais, cada detalhe é pensado de forma a gerar o mínimo impacto ambiental. Assim se eleva o conjunto da obra em harmonia com os cenários naturais de Ibitipoca. Hoje, quem aqui chega – e sente a dimensão do projeto – se encanta com a grandeza do ideal de regeneração e com o movimento constante de ideias, pessoas e coisas acontecendo!

Com uma equipe unida e muito ânimo, nosso propósito está em andamento: ser um projeto experimental socioambiental focado na reconexão sagrada com o solo e com todos os seres vivos. Uma das nossas metas é ser um “projeto inspirador e centro de reflexões para a mudança do planeta”.

Há, pois, muito a festejar!



Mestre dos sabores mineiros, dona Odete ajudou a escrever nossa história



A região viveu o Ciclo do Ouro e sobreviveu com a pecuária e pequena produção agrícola. Café foi uma tentativa frustrada, que agora é plantado com sucesso pela Gaia Produtos Ecológicos

CELEBRE A FESTA

No Ibiti Projeto inexistem data vazia.
Toda comemoração vira um momento
sublime para transcender a rotina

Desde sempre, de norte a sul, dos inuits aos yaganes, dançamos, cantamos e buscamos agradar aos deuses. Festejamos para agradecer boas colheitas, pedir chuvas, abençoar laços amorosos ou obter proteção na batalha. E festejamos para marcar os ciclos da vida, do nascimento à morte, e da natureza. A chegada do verão com sua juventude, força, coragem. O equinócio de outono, que remete ao renascimento; e da primavera, com sua promessa de fertilidade, de cores, luz, vida. Correm em nosso sangue essas informações, esse desejo de marcar etapas, de louvar a existência e de partilhar o êxtase de existir.

Festejar é somar, deixar diluir o limite do uno e se unir ao todo. O que seria da alegria do gol se os jogadores não corresse para o abraço? Que graça teria o jogo sem a vibração do público? A celebração convida a uma postura de abertura e receptividade para valorizar os momentos e as pessoas; a compartilhar sorrisos e alegria, fortalecendo laços afetivos e cultivando a empatia. É um chamado amoroso para reconhecer o valor intrínseco das coisas, das pessoas e dos momentos. Celebrar a festa é pausar a rotina, um contraponto necessário, um lembrete de que a vida não é uma sucessão de tarefas a cumprir na efemeridade do tempo. É dizer ao universo que estamos aqui e que queremos vivenciar intensamente cada segundo que nos é dado. A filósofa Lúcia Helena Galvão considera a celebração uma dimensão essencial da existência

humana e um ato de resistência: em um mundo marcado por incertezas, violência e intolerância, a celebração se apresenta como forma de reafirmar a bondade, entrar na frequência do amor e da esperança. Ela nos convida a escolher a alegria como um estado de ser. Pela celebração, somos chamados a resgatar nossa humanidade, a alimentar nossa alma e a nos reconectar com o propósito maior da vida. No Ibiti Projeto, celebrar a vida não é apenas uma atividade ocasional. É um modo de ser, de viver, de partilhar a felicidade. Que aqui cada festa, cada amanhecer, seja um convite à contemplação, à entrega ao presente, à gratidão pelo que somos e pelo que temos. Que cada plantio, cada colheita, cada alimento servido, seja agradecido. Que cada encontro seja um tributo à beleza da vida.

UM DEDO DE PROSA

Por Raquel Ribeiro

“Aceita um cafezin?” Esse convite define um mineiro na hora: hospitalidade e prazer em prostrar. Foi o que descobri com seu Itamar

Dizem que mineiro come quieto. Pois muita mesa de jantar antiga, com a providencial gaveta escondida, comprova o dito popular. Na sede da Fazenda Boa Vista, casa usada como ponto de apoio em alguns passeios, há uma dessas mesas com gaveta larga, funda, apta a esconder queijos, quitutes, tudo o que se deseja, digamos, guardar para depois. Seu Itamar di Paula, antigo morador e guardião da fazenda, comprova a história, enquanto esquenta água para o café. “Visita que chegava na hora do almoço, sem avisá, ocê inté convidava a sentá, mas antes abria a gaveta”, conta rindo.

Na antiga casa – construída no ancestral método de pau a pique, com telha aparente, piso de cimento queimado e assoalho de tábuas de quase 40 cm – diversos objetos, além da mesa, remetem a hábitos desse interior das Gerais. Uma região marcada pela “corrida do ouro”, pelos tropeiros e, depois, por uma produção leiteira que mal mantinha

os pequenos proprietários. Estes foram tempos de total simplicidade, isolamento, mas também de laços firmes entre as pessoas e suas tradições.

Na casa, uma série de cuias hoje usadas como enfeite chama minha atenção. Dá para ver as marcas da faca ou canivete, que criaram o rústico artefato. Pergunto se é para beber água. “Sérvi prun tudo! Cadumtinhuseu”, explica Itamar comendo letras. Ele nos conta que, quando criança, o objeto era precioso: caso rachasse, a pessoa ficava sem copo nem prato! Na época, os casais “faziam uma penca de filhos”, o trabalho era de sol a sol e a diversão dependia da imaginação. A mesma faca talhava cuia, estilingue, bonecos e carrinhos. Uma peça pra cada filho, contadinha. Cada um que cuidasse de suas preciosidades. “Se rachasse a cuia, disgrameira, ficava sem têndicomê até o pai fazê otra.” E gravar o nome nela.

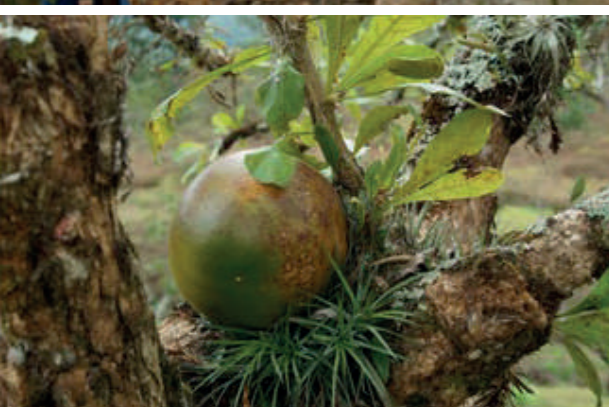
“Mineiro não fala, proseia. Toca em desgraça, doença e morte e vive como quem se julga eterno. Ser mineiro é sorrir sem mostrar os dentes, ter a esperteza das serpentes e fingir a simplicidade das pombas. Ser mineiro é venerar o passado como relíquia e falar do futuro como utopia, curtir saudade na cachaça e paixão em serenatas, dormir com um olho fechado e outro aberto, suscitar intrigas com tranquilidade de espírito, acender vela à santa e, por via das dúvidas, não conjurar o diabo”

Frei Betto, Ser mineiro

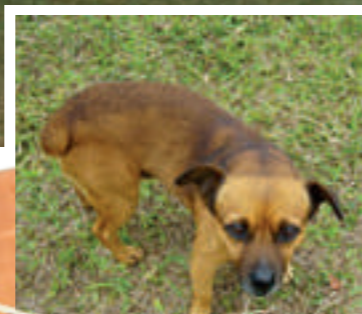
Itamar na sede da Fazenda Boa Vista



TECNOLOGIA MINEIRA ancestral para camuflagem instantânea de alimentos quando chega uma visita



Sede da Boa Vista, o "segurança" da fazenda e o fruto da árvore-de-cuia



Observando a casa, sondei o motivo de haver um círculo no chão de cimento-queimado, perto do fogão a lenha. "Pamódifazê fogo." Achei um luxo ter uma fogueirinha no conforto da cozinha! Imaginei o milho assando no espeto e a turma reunida em volta. Por essas bandas, onde até recentemente não havia luz elétrica e, ao adentrar a noite, se dependia de vela, lampião ou esse fogo no chão, prosear era (e é) a tradição. Hoje, pra puxar uma conversa basta perguntar de onça. Seu Itamar logo engata: "No muro de pedra aparece jaguatirica, mas onça-parda só vi com 14 anos, aqui numa capoeirinha. Vi e rapei fora! Agora só encontro o rastro, que é diferente do lobo porque não aparece a unha. Lobo-guará tem muito! Meu segurança – diz, apontando um viralatinha – acoa e ele nem liga".

Ao me despedir, reparei num fruto parecido com maracujá. Perguntei o que era. Itamar explicou: cuieté. Conhecida por cabaceira, cuitereira, coitereira ou árvore-de-cuia, o nome científico é *Crescentia cujete*, planta da família das *Bignoniaceae*. Seu fruto é a cabaça – aquela, vista no interior da casa. Para quem duvida que "em se plantando tudo dá", taí um pé de vasilha.



MINEIRÊS - PORTUGUÊS

Nesse dediprosa, cê vai consegui entendê uns trem falado desse jeitim, bem cantadin, que pódispensá o finalzin das palavra (i às vês também o início), ou quando se fala tudujuntin.

Apear: descer

Arréda: chega pra lá ("arréda pra cá" é convite pra se aproximar)

Ataiá: tomar atalho, cortar caminho

Atazaná: amolar, incomodar, aborrecer

Azidéia: (corruptela de "olha as ideias") geralmente, se trata de uma crítica ao que foi feito ou dito por alguém

Cádiquê: (por causa de quê) por qual motivo?

Cantázora: (quantas horas) que horas são?

Capáz: de jeito nenhum

Carécinão: não precisa

Custoso: coisa difícil ou pessoa mal comportada

É mêz: (é mesmo) pode ser pergunta ou resposta

Encasquetá: colocar uma coisa na cabeça

Gasta fazê isso não: contrário de custoso

Gastura: aflição

Guentamão: (aguenta a mão) espera um pouco

Jizdífora: Juiz de Fora

Logalí: (logo ali) distância que pode variar de 100 m a 100 km

Lombêra: preguiça, corpo mole

Némez?: (não é mesmo?) concorda?

Nóssinhóra: (nossa senhora) interjeição de espanto

Nuh: interjeição derivada de "nóh", corruptela de "Nóssinhóra"

Quiném: igual

Tem base um trem desse?: acredita nisso?

Tógarrado: (estou agarrado) ocupado no trabalho, com a vida atarefada, preso no trânsito... e por aí vai

Trapaiado: bagunçado

Trem: é treco, troço, bagulho, negócio... qualquer coisa! Inclusive o meio de transporte

Turrão: rabugento

Varadifome: (varado de fome) faminto

Xôilácocê: deixa eu ir lá com você

Xôvê: deixa eu ver

Xuxá: enfiar

Zóidacara: (os olhos da cara) muito caro

CALOR HUMANO

A sede da Fazenda Boa Vista é uma mansão comparada à casinha que chamamos de "Museu da Roça", perto do Lago Negro. Os cômodos são tão pequenos e o teto tão baixo que é difícil de entrar. As camas, estreitas e curtas, parecem de criança. Mesmo assim, onze pessoas chegaram a morar ali! No pátio e no galpão reformado (onde desde 2021 funciona a recepção da Muriqui House) há objetos, como arado e pilão. Dá para calcular a lida diária do "caipira", injustamente tachado de preguiçoso em várias representações. Aqui a cultura caipira está presente do café coado à comida feita no fogão a lenha; do cochilo na rede à noite embalada ao som de viola. E o caipira é devidamente homenageado no Cine Mazzaropi, no Mogol Village. Amácio Mazzaropi foi ator, humorista, cantor, roteirista, produtor, diretor e dono de uma companhia de cinema, em que cuidou do lançamento à distribuição de seus filmes por todo o país. Esse baíta empreendedor retratou a transição do Brasil agrário em urbano. O bacana é que o personagem que Mazzaropi representa vai pra cidade, mas não se transforma: continua com seus valores caipiras e isso lhe dá força pra enfrentar os desafios. Ele valoriza a vida simples e os sentimentos humanos. Enfim, Mestre Mazza combina com nosso estilo.



MAZZAROPI
JECA TATU





Entre vilas e vales

Encravado numa região repleta de histórias, o Ibiti Projeto se orgulha do seu sotaque e de sua relação com a vizinhança

“O bom mineiro não laça boi com embira, não dá rasteira em pé de vento, não pisa no escuro, não anda no molhado, só acredita em fumaça quando vê fogo, não estica conversas com estranhos, só arrisca quando tem certeza, e não troca um pássaro na mão por dois voando”, escreveu o poeta Batista Queiroz. Pois mineiro é mesmo desconfiado. Desde a construção da Pousada da Reserva, em 2008, o diz que diz nos rodeia entre censuras e aplausos. Mas nós também somos mineiros. E, pelas beiradas, vamos mostrando nossos projetos e conquistando as pessoas do entorno. No começo da história, adquirimos terras e deixamos plantas e bichos regenerarem a região. Deu certo, mas isso não bastaria para tornar nosso projeto relevante em termos socioeconômicos. Para cuidar das pessoas, é preciso inserir as pessoas. E inserimos, iniciando com a abertura do Engenho Lodge. Hoje, além dos três conceitos de hospedagem, dos restaurantes, spas, da produção de alimentos Gaia e das obras em andamento, há vários projetos acontecendo! Tem muita gente da região trabalhando aqui e todo tempo estamos criando oportunidade de convivências, trocas e aprendizados. Em especial, por meio das ações da Comuniversidade. Claro que, ao longo de mais de quatro décadas, recebemos críticas. “O lugar só é bom para proteger o Parque”; “você roubaram o acesso às cachoeiras”; “hospedagem é muito cara”; “só vê as estátuas quem tem dinheiro” e por aí vai. Sim, de fato, a hospedagem é destinada a um público de alto poder aquisitivo – uma escolha para minimizar o impacto ambiental e não concorrer com as pousadas do arraial de Ibitipoca e arredores. Verdade também que impactamos o entorno, especialmente com a abertura do conceito Village no Mogol, que há pouco tempo era um pacato vilarejo escondido nas montanhas. É fácil, porém, calcular a alegria, por exemplo, com a instalação da antena de internet, as melhorias na infraestrutura (saneamento, programa de reciclagem,

Em sentido horário: menina interage com logotipo numa sessão do Café e Cinema com o Ibiti Projeto; Priscila Pereira, do MIB, fala sobre os muriquis em escola; moradores reunidos em Conceição do Ibitipoca assistem a uma palestra; nosso time, o Comuna Football Club, durante campeonato em Lima Duarte; sessão noturna do Cine Paradiso





Cenas de visita de moradores da região às Estátuas; guia mostra características da flora; tradicional festa religiosa no Mogol (que recebe grande apoio do Ibiti Projeto), fanfarra em S. J. dos Lopes; cinema ao ar livre, em Lima Duarte; banda na vila do Mogol



castração de animais domésticos), as oportunidades de trabalho, de atividades esportivas e culturais. Também é relevante a contínua ampliação da geração de renda nas comunidades do entorno, com a compra de produtos e incentivo na produção. Dos queijos aos objetos artesanais, muito do que se consome e se vê aqui tem o toque local, contribuindo para a economia circular. Mas mineiro preza uma boa prosa e é “conversando que a gente se entende”. Assim, no final de 2021, criamos o Programa Relações com a Comunidade. “Com o objetivo de estreitar as relações com os municípios onde estamos inseridos, convidamos todos os moradores da região para o programa de passeio às Estátuas; e criamos o Projeto Café e Cinema com o Ibiti Projeto. A proposta é abrir espaço para conversas, tirar dúvidas, ampliar o diálogo; além, claro, de oferecer momentos de diversão e cultura, caminhada na natureza e visita à obra de arte”, diz Maíra Delgado, responsável pelo programa. Assim, uma vez por mês, uma turma de São José dos Lopes, Mogol, Laranjeiras, Rancharia, Moreiras, Vermelho ou Várzea do Santo Antônio passeia pelas Estátuas, faz piquenique, curte a vista. E se maravilha com as enormes figuras que compõem a Big Family. Receber os vizinhos do entorno é bom. Mas ir até ele torna a troca ainda mais rica. Porque ele se sente em casa, à vontade para perguntar, questionar. Isso tem acontecido no Café e Cinema: levamos o projetor até um salão comunitário, escola ou mesmo asilo, para explicar o que é o Ibiti Projeto e mostrar filmes vencedores do edital Ibiti Projeto, em que muitos moradores são protagonistas. “É emocionante: quando a pessoa assiste a um documentário rodado na região onde nasceu ou vive, se dá conta do valor que tem a sua comunidade. Cada história me toca profundamente”, diz Luan Oliveira, coordenador da hotelaria no Village. Para ele, a missão do Ibiti é grandiosa e a comunicação é fundamental para o sucesso do projeto: “Quanto mais pessoas conhecerem nossas ações e a missão de regeneração, mais impacto positivo podemos gerar com nossos exemplos”.



No Projeto Café e Cinema, os moradores da vila do Mogol assistem aos filmes no Cine Mazzaropi (sala ampla, com poltronas confortáveis, na Venda), e a proposta é a mesma: ampliar a comunicação e oferecer momentos de diversão. Prontos para escutar e abertos a críticas e sugestões, vamos assim, mineiramente, aparando as arestas, arredondando as relações e, esperamos, aumentando o índice de felicidade *per capita* nesse belo pedacinho de Minas Gerais. “Aqui é uma parte do planeta e não um planeta à parte”, sintetiza Flavia Calazans, *hostess* do Mogol Village. Com essa perspectiva, nos abrimos tanto ao entorno como a outras pessoas, institutos e organizações que buscam regenerar a Terra.

VESTINDO A CAMISA

“Ser mineiro é ver o nascer do sol e o brilhar da lua; é ouvir o cantar dos pássaros e o mugir do gado; é sentir o despertar do tempo e o amanhecer da vida”, continua o poema de Batista Queiroz. E poderíamos incluir “jogar bola na várzea e tomar cachaça”. Pois no Ibiti a bola corre solta! “Se tem algo que une as pessoas é o esporte! Incentivamos as várias modalidades voltadas para a saúde e o lazer”, destaca Luiz Antônio Saraiva Campos, o Tziu, arquiteto, morador da região e nosso “ministro dos esportes”. O Comuna Football Club é sua menina dos olhos, pois consegue juntar empreendedores, amigos, parceiros e aproxima as famílias. O time foi vice-campeão da Copa Lima Duarte de Futebol em 2023. Tziu elogia o grupo formado por 28 atletas: “Me orgulho demais! Este ano, vamos crescer muito, com essa equipe focada, que veste a camisa, defende o manto, sintetizando a união, o respeito e a amizade!”. Ele já prepara a documentação para criar uma associação sociorecreativa e esportiva e realizar uma série de amistosos para a temporada. Em 2023, Tziu reuniu voluntários para reformar o campo de São José dos Lopes, com vestiários e cantina. “Fizemos um mutirão! Este campo pode abrigar treinos, jogos e uma futura escolinha de futebol”, finaliza, lembrando que esporte e ação social andam juntos.



#Tamojunto

Eles chegaram inspirados pelas ações de regeneração e agora fortalecem essa grande teia de cuidados com a Terra. Eita, vizinhança bem-vinda!

Por Isabel Pequeno

Na natureza impera a colaboração, que proporciona a complexidade, a diversidade, a continuidade da existência. Nossos 6 mil hectares de solo preservado ganham outra dimensão com a parceria de vizinhos de terra e também de vizinhos distantes fisicamente, mas próximos nos propósitos. Ao contrário de tradicionais fazendeiros, eis uma turma que não vê o pasto e o gado como um bom negócio. “Nós praticamos o *land stewardship* (gestão responsável da terra), que

se refere à responsabilidade ética de preservar, proteger e cuidar da terra e de seus ecossistemas, envolvendo práticas sustentáveis e conscientes. É preciso trazer cada vez mais pessoas nesse movimento, visando converter propriedades no entorno para a regeneração”, resume Rodrigo Baggio, que chegou a Ibiti como turista, virou parceiro e agora é vizinho. Veja os depoimentos dessas pessoas, que sintonizam com a gente e com nossos valores.

“O Ibiti Projeto é a grande fonte de inspiração para estamos desenvolvendo a Floresta Naveia na região de Ibitipoca. Foi amor à primeira vista. Já fomos a vários eventos e sempre ficamos impressionados com o nível alto do conteúdo e da curadoria dos participantes. Também tivemos o prazer de atuar no Ibiti Vegan Festival, contribuindo com a programação e conceito geral. Brincamos que um vento bem forte passou pelo Ibiti e levou, por 10 km, a semente de uma das florestas regeneradas para brotar em outro lugar. Em 2021, compramos 220 hectares de pasto degradado em um vilarejo chamado Capoeirão, a uns 10 km de Olaria, para sonhar junto com aquela terra e fazer dela de novo uma floresta. É a nossa Evolândia – uma citação à marca mãe da Naveia, a Evolat, pois gostamos de falar na ‘evolução do laticínio’.

A Naveia tem o sonho de substituir o leite de vaca por um leite vegetal muito melhor para todos. Para a nossa saúde, o meio ambiente e, principalmente, para o animal. Quando falamos de tirar o leite de vaca da mesa, enxergamos a possibilidade de também tirar a vaca de um bioma que era floresta. Essa é nossa fórmula regenerativa: “Mais leite vegetal, menos leite de vaca... mais FLORESTA!” Surge assim o sonho da Floresta Naveia. Dos 220 hectares, 210 são para reflorestamento. Outros 10 estão destinados à produção de alimentos. Em dois destes hectares, já implementamos um sistema agroflorestal, com mais de 50 espécies, incluindo frutíferas, café, hortaliças, gengibre, cúrcuma, yacon, aipim, pecan e macadâmia. É fascinante ver o poder de geração de alimentos daquela terra.”

ALEX SÖDERBERG E FELIPE UFO, criadores da marca Naveia

“Eu tenho um sonho de mostrar que é possível a gente viver de forma completamente autônoma numa terra. Já tinha a intenção de fazer um experimento de regeneração. O filme do Sebastião Salgado me inspirou a comprar uma terra onde pudesse plantar árvores e que funcionasse como um plano B. Procuramos terrenos em diversos lugares. Quando Wagner e eu chegamos a Ibitipoca, conhecíamos o Parque e começamos a frequentar o Ibiti Projeto. Engravidei em uma viagem ao Mogol... e pensamos que seria legal ser vizinhos. Depois de olhar mais de 20 terrenos, encontramos a Fazenda do Capão, com 140 hectares, em Rancharia, a 40 minutos do Engenho. Compramos a fazenda, em 2022, com um casal de amigos. Tem floresta, nascente e uma área para a gente regenerar. A casinha, muito antiga, está fechada há 30 anos. Decidimos por uma casa pré-moldada: toda de tijolo cru, tem uma pegada ecológica, para causar o menor impacto possível. Estudamos a melhor maneira de fazer o tratamento de esgoto, e vamos colocar um biodigestor. Faremos um consórcio agroflorestal, para ter madeira e alimentos, e vamos contribuir para formar corredores ecológicos. Ibiti influenciou muito na nossa decisão de compra: queríamos muito ter facilidades por perto, restaurantes de qualidade, entretenimento, vizinhos legais. Estar com as pessoas do Ibiti Projeto, a Claudia, a Raquel, o Renato, e num local onde as coisas acontecem, que tem a proposta de divulgar essa mensagem da regeneração, proporcionar uma experiência de ecologia profunda... faz muita diferença.”

FE CORTEZ, influencer e fundadora da marca Menos 1 Lixo



“Conheci a região há 12 anos. Eu e Anita, minha esposa, viemos com um grupo de amigos, nos hospedamos no Ibiti Projeto e ficamos completamente encantados pela proposta de regeneração. Voltei outras vezes e comecei a me envolver nas ações. Sou empreendedor social de tecnologia e comandeí projetos de inclusão digital por mais de uma década em S. J. dos Lopes, Conceição de Ibitipoca e na Escola Estadual Adalgisa de Paula Duque, em Lima Duarte. Chegamos a formar dezenas de professores da rede pública. Criei um comprometimento com o desenvolvimento comunitário e participei umas duas vezes do conselho do Ibiti Projeto.

Somos vizinhos desde 2019. O sítio, de 47 hectares, se chama Satyagraha, que significa a ‘força da verdade’, um conceito central na filosofia de Gandhi de protesto não violento.

Cultivamos um estilo de vida que chamo de “green tech life style”: é verde, mas também tecnológico, pois permite que eu esteja aqui conectado com o mundo. Frequentamos a vila, participo de atividades do Parque Estadual de Ibitipoca e mantenho uma parceria com o Ibiti Projeto, organizando palestras e eventos. Na nossa propriedade tem pomar, horta, energia solar, um galinheiro, um pequeno curral e baía. A maior parte da área forma um corredor ecológico com o Ibiti Projeto. Somos testemunhas e parte da regeneração pela qual esse território vem passando. É um trabalho de alto impacto ambiental e que pode ser aplicado em volta de outros parques e áreas de conservação.”

RODRIGO BAGGIO, empreendedor social de tecnologia

“Sou vizinho do Engenho, no Sítio Canário, e me considero um felizardo por ter sido presenteado pela possibilidade de comprar a terra de um dos pioneiros do Ibiti Projeto, o Carlinhos Repetto, um visionário. Isso me orgulha muito. Eu me apaixonei pelo Projeto desde que o conheci em 2011: achei o lugar mais mágico do mundo. Aí comecei a frequentar, fiquei muito envolvido. Sou apaixonado pela natureza, a fauna, a flora, as cachoeiras, as caminhadas, as pessoas da comunidade. Fui muito acolhido, foi um toque na minha essência, na minha alma. Adoro andar descalço para recarregar as energias. Nossa passagem é muito curta, a vida que a gente leva é o agora. E o Ibiti Projeto é um convite a cuidar do planeta hoje. Participei de toda a sua evolução, pois visitava sempre o lugar, mas ficava no Engenho. Um dia, caminhando com o Antônio Mariquinha, que cuidava dos cavalos, ele me mostrou a casa onde morava e comentou que foi construída em duas semanas. Aí meu olho brilhou. Pensei: vou fazer minha casa de pau a pique, é rápido e mantém a identidade da região. Construímos em um mês, com todos botando a mão na massa. Ganhei madeira e outros materiais. Resgatei um pouco esse olhar para um tipo de construção que é uma poesia. O telhado é sem forro, apenas com as telhas... É um loft de 8m x 5m. Serviu inclusive de inspiração à Casa Humboldt, no Mogol. Preciso

de um lugar pequeno para dormir, pois a beleza está do lado de fora, está em observar o crescimento das árvores que semeei, adubei... Chego lá e converso com elas, faço carinho, são como filhas. Reflorestei uma parte imensa de pasto. Plantei mais de 3 mil árvores, muitas frutíferas. O sítio tem 80 hectares, com lago, nascentes... É um recanto especial.”

RODRIGO LONDRES, empresário





Na floresta, a obra levaria oito meses. Aqui foi realizada em 16 dias por sete homens do grupo indígena Yawalapiti, do Alto Xingu (MT), liderado por Anuiá Amary.



Erguida no Mogol, a oca xinguana tem estrutura de eucalipto coberta de piaçava. Segue o estilo arquitetônico da casa do cacique.



A inauguração (junho/2022) foi comandada pelo grupo, com fogueira, música, pintura corporal, dança e união em defesa dos direitos indígenas.

Oca NA roça

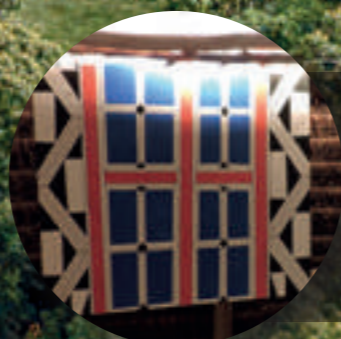
A construção ecológica compõe com o entorno e abriga grandes encontros



A obra artesanal foi marcante para muita gente, não apenas pela sua grandiosidade e engenhosidade, mas principalmente pela convivência com os indígenas. Gabi, chamada de Capi, ficou encantada: "Eles são muito especiais. Uma frase que nunca vou esquecer é 'o mundo tem de ter mais capis'"



Amplo e multifuncional, com capacidade para 300 pessoas, o espaço é usado para vivências, eventos, jantar personalizado e até hospedagem.



Ornado com adereços e pinturas da etnia Yawalapiti, a Oca é um local para celebração e de conexão com nossas raízes.



Yoga na Oca: frescor e acolhimento em contato com o solo.

aldeia de interações

Conhecimentos transformadores e regenerativos: a Comuniversidade amplia a teia de relações com os vizinhos e com o mundo

Tião Rocha: "É urgente integrar todos os conhecimentos, sem deixar ninguém de fora"

Uma “universidade” com a proposta de oferecer cursos, treinamentos, simpósios e imersões em diversas áreas do saber para trazer benefícios a toda nossa comunidade. A ideia da Comuniversidade começou com a construção, em 2018, de uma tenda que fica permanentemente montada na Vila do Mogol, para reunir convidados, equipes e comunidade. Hoje o sonho se expandiu. E muito! “Nosso campus agora tem 5 mil hectares”, brinca Máira Delgado, produtora cultural que está à frente deste empreendimento. Além da Oca, Tenda e Cine Mazzaropi, cenários incríveis podem abrigar os eventos, como a Pedra do Tatu, onde ficam as Estátuas. “Buscamos sempre trazer

conceitos disruptivos. Estamos preparando encontros ricos em cultura e conhecimentos regenerativos – que possam contribuir para o planeta vivo”, diz Máira. “Pra mim, a maior riqueza é nosso ‘campus’, com sua rica biodiversidade! É o que mais me motiva, poder fazer acontecer nesse espaço em *rewilding*, com ideias e pessoas vindas de todos os cantos do planeta!” Inspirada no Schumacher College (*ver boxe*) e no Instituto de Pesquisas Ecológicas (Ipê), voltado para pesquisa, educação e negócios sustentáveis para a conservação da biodiversidade brasileira, a Comuniversidade foi oficialmente inaugurada em abril de 2023, com aula de Tião Rocha. O educador e antropólogo

do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento afirmou “ser urgente integrar todos os conhecimentos, sem deixar ninguém de fora”. Na conversa com profissionais de escolas públicas e privadas de Juiz de Fora, Lima Duarte e outros municípios vizinhos, enfatizou que uma educação transformadora tem que buscar o ainda não feito: “É possível, se juntarmos os saberes, os fazeres, os querereres, o lado luminoso das pessoas por uma causa”. O educador enfatizou que vivemos num mundo de muita TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação). “Precisamos transformar as TICs em TACs, desenvolvendo



Encontro na Praia do Mogol

Conversa sobre
Estoicismo ao pé
das Estátuas



a Tecnologia de Aprendizagem e Convivência. Temos que trabalhar esse equilíbrio, fazer esse link das tecnologias.” Tião contou que, em Moçambique, aprendeu que para educar uma criança é preciso toda uma aldeia: “Minha função é ser um convocador de aldeias. Se todo mundo der um pouquinho de sua luz, será fonte de calor, energia e transformação. Aqui é um ambiente favorável, que junta pessoas mobilizadas por um grande desafio”. A presença forte, otimista e alegre de Tião Rocha traduziu o propósito da Comuniversidade: ser combustível de mudança para a regeneração socioambiental do planeta. “Senti que impactou muito todos nós, ele é inspirador; sua fala ajudou a renovar as energias, principalmente de profissionais do



MÃOS, MENTE E CORAÇÃO

Fundada pelo indiano Satish Kumar, o Schumacher College nasceu na Inglaterra, em 1991, como “um lugar de encontro e de exploração de ideias na fronteira do pensamento”, para um aprendizado “que integra mãos, mente e coração, e se tornou um centro internacional de reflexão e prática de vida sustentável. Kumar é a grande referência do instituto que tem filial no Brasil. Ele viveu em um mosteiro budista, depois se juntou aos movimentos guiados por Gandhi e, hoje, aos 87 anos, ajuda a difundir a filosofia da não violência. Ensina que toda vida no planeta deve ser preservada: “No lugar de conquistar, devemos reverenciar a natureza”, diz o ambientalista, “não devemos acreditar na supremacia humana sobre os outros seres”.
Mais informações: escolaschumacherbrasil.com.br



Oficina de gastronomia promovida pela NOS Escola; conversa sobre produção orgânica; palestra do médico nutrólogo Eric Slywitch e de Tiago Feitosa, do Vegan Ti Burguer, durante o Ibiti Vegan Festival



ensino público, mostrando que é possível fazer diferente!”, acredita Maíra.

PARA SEMEAR ESPERANÇA

A Comuniversidade já recebeu o professor e geólogo Marcelo Motta, diretor do Núcleo Interdisciplinar do Meio Ambiente (Nima), da PUC-Rio, que falou sobre a formação geológica da Terra e explicou as características peculiares das formações rochosas de Ibitipoca, e vários outros palestrantes. Na Tenda (antes chamada de Ibitipoca University), na Oca, no Cine Mazaropi, uma confortável sala de 35 lugares no Mogol Village, ou outro local do nosso gigantesco “campus”, ainda são realizadas reuniões de equipe, seminários, aulas, atividades culturais... Nossa vocação é reunir pessoas! Seja por diversão, celebração ou para trabalhar temas específicos. Desde

2022, criamos uma agenda para definir os encontros, promovidos pela Comuniversidade ou que recebem seu suporte, como o minifórum do Grupo Catalizador para a Amazônia, o Encontro de Estoicismo e o Ibiti Vegan Festival, realizados em 2023.

“O Ibiti Projeto acolhe um público de tomadores de decisão e formadores de opinião do Brasil e do mundo; e consegue impactar e inspirar esse público. Ibiti se mostra como exemplo de muito do que é possível fazer em um mundo que vive uma crise ambiental. A aceitação – e a abertura – para o veganismo, por exemplo, é uma atitude que faz sentido para o Ibiti, porque está alinhada ao discurso sobre a regeneração ambiental. É difícil questionar práticas tão ancoradas na tradição e na cultura, mas ser pioneiro significa quebrar convenções e não ter medo de

ousar. E essa ousadia faz o Ibiti tão único e visionário”, avalia Alex Söderberg, organizadora do Ibiti Vegan Festival.

Enfim, a Comuniversidade busca parcerias com instituições e pessoas dispostas a contribuir “para instigar a reflexão e sair da zona de conforto”. E está aberta para receber de cientistas internacionais a contadores de histórias, passando por especialistas em turismo regenerativo e filósofos. Os temas podem ser os mais variados – neutralização do carbono, turismo, felicidade, economia circular – o importante é que as falas semeiem esperança. E, por que não?, que transformem! “Vi pessoas do staff se tornarem vegetarianas ou veganas após o Ibiti Vegan”, celebra Maíra. “Há tanta verdade e amor no que fazemos aqui, são eventos e imersões que acabam mudando vidas.”

Participantes dos eventos são convidados a conhecer e apoiar a Muriqui House



Ao longo das últimas décadas, a vegetação nativa ganhou força e extensão, cobrindo de verde o solo empobrecido.

Agora, com suporte do Programa de Refaunação, chegou a hora de os animais voltarem para casa

REWILDING

O RETORNO DOS BICHOS

PROJETO ASAS (*Área de Soltura de Animais Silvestres*)

Desde 2016, perto da sede da Fazenda Boa Vista, três viveiros com árvores nativas, fartura de alimento e um bebedouro natural são usados para receber e manejar aves e mamíferos resgatados pelo Ibama. Geralmente vítimas de tráfico, chegam muito estressados e ali recebem todo o cuidado da equipe. Onça-parda e o lobo-guará estão entre as espécies que já se recuperaram ali e depois foram soltas.



O comportamento pacífico e amoroso dos muriquis é exemplo para todos nós



A Muriqui House conta com um viveiro para indivíduos recém-chegados. Após o período de adaptação, o muriqui é solto em uma área protegida de 6 hectares, com riachos e árvores de sua preferência alimentar

A história começa em 2002, com a identificação de um pequeno bando de muriquis-do-norte na Mata do Luna, um trecho de Mata Atlântica isolado a oeste do Parque Estadual do Ibitipoca. Há anos sabia-se, em conversa com moradores, da presença dessa espécie tão especial e que vive no limiar da extinção. O muriqui é o maior primata das Américas, anda em grupos sem uma hierarquia social definida e é conhecido como “povo manso da floresta”. O motivo? Resolve tudo com um bom abraço! Para salvar os muriquis e a mata – visada por madeireiros –, a então Reserva do Ibitipoca comprou esta área. Mas, apesar do monitoramento

de biólogos, sobraram apenas dois indivíduos, Luna e Bertolino, assim batizados em homenagem à mata e à família do seu Chico, antigo morador. O que explica a drástica redução de indivíduos? Simples: a inexistência de outro grupo num raio de muitos quilômetros... Entre os muriquis, cabe à fêmea deixar o ninho e aventurar-se em busca de variedade genética. Incansável, ela vai se distanciando, distanciando... O problema é que não encontra um parceiro e não volta para seu bando. No início de 2017, a equipe do Muriqui Instituto de Biodiversidade (MIB), monitorou e capturou uma

fêmea, Esmeralda, que vivia sozinha e foi levada para a Mata do Luna. Infelizmente, ela não se adaptou e sumiu. Os muriquis são muito sociais, mas supõe-se que Esmeralda passou tempo demais isolada e perdeu o traquejo social. Quando a esperança de ter novamente bandos de muriquis parecia perdida, um sonho alternativo começou a tomar forma e culminou, em 2019, com a construção da Muriqui House. Luna e Bertolino foram transferidos para este amplo viveiro, onde há folhas de sua preferência alimentar e, o melhor, novas companheiras. Ecológica e Socorro também

foram resgatadas e se entrosaram com os machos. “A introdução foi tranquila; elas foram aceitas, numa recepção recheada de abraços e carinhos”, relata Fernanda Tabacow, bióloga e coordenadora do Muriqui Instituto de Biodiversidade (MIB). Na Muriqui House é constante o monitoramento, pois trata-se de um trabalho inédito. Em 2020, nasceu Eliot e chegaram três novos muriquis. “Conquistamos uma *expertise* única na história da primatologia: estamos aprendendo a manejar os muriquis-do-norte! E eles já estão se comportando como um bando”, comemora Fabiano R. de Melo, biólogo, conselheiro do MIB.

PRESERVAÇÃO

Filhote de onça-parda resgatado e levado ao Projeto ASAS. A espécie está sendo monitorada no Ibiti Projeto, com objetivo de preservá-la



É PRECISO CONHECER PARA PROTEGER

O gigantesco empenho na preservação do miqui gera uma benéfica reação em cadeia: por ser uma “espécie guarda-chuva”, ao ser resguardado e ter sua área protegida, ele naturalmente protege outras espécies, pois precisa de grandes áreas preservadas para sobreviver e, especialmente, para se reproduzir. É crucial que haja corredores ecológicos para que as fêmeas tenham chance de localizar outros grupos. Enfim, a luta para recuperar a população de miquis será favorável à Mata Atlântica como um todo. Para acelerar a regeneração, outros animais estão sendo trazidos para a região: a

intenção é que se reestabeleçam em territórios que pertenceram a seus antepassados. Esse é um dos princípios do *rewilding* (refaunação ou re-silvicultura): reintroduzir espécies com a meta de restaurar o próprio ecossistema e, assim, reverter a perda de biodiversidade. No Ibiti Projeto ampliamos o conceito de *rewilding*: “Consideramos como base dos projetos ambientais, pois engloba proteção de biomas, plantio e manejo constante de espécies nativas, proteção de nascentes, reintrodução de animais, educação ambiental e, principalmente, o cultivo de uma relação de respeito e colaboração entre todos os seres vivos”, resume Beto

Nardelli, engenheiro florestal e diretor de Biodiversidade do Ibiti Projeto. Ele trabalha com a bióloga Clariane Maranhão e conta com a parceria do MIB, Grupo Airom Ambiental, Pró-Tapir, Instituto Triade, USP/ESALQ, TNC (The Nature Conservancy), Nobilis Fauna; e consultoria da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Além de uma bela equipe, o Programa de Refaunação tem tudo para ser bem-sucedido, pois a regeneração natural associada ao reflorestamento promovido nos últimos 40 anos garante boa diversidade de alimentos aos animais reintroduzidos. A extinção de espécies na região também não foi tão extensa como em

outras áreas da Mata Atlântica: populações da fauna de médio porte, como a paca, começam a se espalhar por Ibitipoca. Até a onça-parda voltou a ser avistada, o que indica um ambiente saudável em toda a cadeia alimentar. Cabe à Nobilis Fauna, no projeto Onças do Ibitipoca, a monitoração para conservação deste felino, por meio de armadilhas fotográficas e a metodologia de captura e instalação de colares GPS. Em breve, o tamanduá-bandeira também será monitorado. O Programa de Refaunação está em andamento, com obtenção de licenças governamentais para a reintrodução de outras espécies. Entre elas, o veado-mateiro, a arara-vermelha-

LOBO, ELEFANTE E LEÃO

No final dos anos 1960, o cientista norte-americano Paul Martin cunhou o termo *rewilding* para indicar o processo de restauração de ecossistemas com a reintrodução, inclusive, de espécies já extintas, como o mamute. Harry Greene, da Universidade Cornell (EUA), aprovou a ideia e publicou um artigo na revista científica *Nature*, defendendo a introdução de camelos, leões e elefantes no continente americano. É óbvio que houve uma chuva de críticas, mas propostas menos excêntricas foram bem-vindas e bem sucedidas. Caso da reintrodução do lobo no Yellowstone National Park (EUA), em 1995. A presença da alcateia provocou uma auspiciosa reação em cadeia, equilibrando grandes populações de alces e veados, e atraindo espécies como castores e lontras.

Na América do Sul, um *case* de sucesso é a criação do GRANDE PARQUE IBERÁ (foto à esq.), na Argentina. Ali, tamanduá-bandeira, veado-campeiro, anta e até a onça foram reintroduzidos, causando impacto positivo sobre a biodiversidade, num processo que levou anos, contando com o trabalho de equipes dedicadas e, principalmente, o apoio da população local. Hoje o parque é um atraente destino turístico, gerando oportunidade de trabalho e valorização da cultura local. No Brasil, vale destacar a ONÇAFARI, que une conservacionistas, fazendeiros e empresários, para proteger a biodiversidade e criar corredores ecológicos no Pantanal. A refaunação aliada a esses “corredores” (cobertura vegetal capaz de unir áreas preservadas) também pode ser a chave para reverter a degradação da Mata Atlântica.

PRESERVAÇÃO

Esta figura simpática é a Rosinha, fêmea do primeiro casal de antas levado ao Ibiti Projeto



Macuco (à esq.) e jacutinga são aves que pertenciam à região de Ibitipoca e agora são reintroduzidas e monitoradas

grande, o bicho-preguiça, o papagaio-de-peito-roxo, a queixada e a anta, conhecida como “jardineira da floresta”. Em 2022, recebemos um casal desse herbívoro que pesa mais de 400 kg. “A anta vive em ecossistemas nos quais a diversidade biológica é, em parte, mantida pelos papéis ecológicos-chave que ela promove, incluindo a dispersão de sementes, a reciclagem de nutrientes e o recrutamento de novas plântulas (embrião vegetal)”, explica Paulo Mangini, do Instituto Triade. Tem mais: “Ao competir com os grandes roedores e outros ungulados por sementes e frutos, a anta ajuda a controlar o equilíbrio destas populações”. Paulo trabalha em parceria com Andressa Gatti,

coordenadora do Pró-Tapir. “Esperamos, a curto prazo, envolver as pessoas que vivem e trabalham na região, pois a conservação deste grande mamífero só ocorrerá se a comunidade local entender a importância de ter de volta uma espécie tão relevante para as florestas”, diz a especialista. Para encorpar a fauna, investimos também nos projetos Macuco e Jacutinga, implementados pelo Grupo Aírom Ambiental, em conjunto com a UFV e o MIB. Por ter preferência pelo fruto da palmeira-juçara, a jacutinga é uma valiosa semeadora de palmeiras. Já o macuco é uma ave mais terrestre. Seu ninho, construído entre raízes de grandes árvores ou ao lado de

troncos caídos, comporta de três a cinco ovos. As fêmeas são dominantes e territoriais, cabendo aos machos a tarefa da incubação e a criação dos filhotes – uma tarefa que eles cumprem com grande cuidado. Ou seja, são pássaros carismáticos – e isso ajuda na educação ambiental! Transmitir aos moradores e visitantes informações e curiosidades sobre a vida dos pássaros, assim como as vantagens da existência das antas e pacas, é da maior importância, pois facilita a empatia pelos animais, antes vistos como objetos de caça ou inimigos da plantação. “Quem conhece, protege.” Esse mantra coroa nossa filosofia e sustenta o apoio da

comunidade local. A transposição de Bertolino e Luna para a Muriqui House, aliás, foi um marco nessa união pela preservação: os moradores do vilarejo do Mogol acompanharam a construção do recinto, viram a forma amorosa como os muriquis se relacionam e isso mudou o jeito que enxergavam um animal selvagem. Hoje sentem orgulho de ter esses primatas por perto. A bióloga Priscila Pereira testemunhou o reencontro dos machos: “Em maio de 2019, capturamos o Bertolino e só três meses depois conseguimos trazer o Luna, seu irmão. Ao se encontrarem, se abraçaram por duas horas e meia! Nunca foi registrado um abraço tão longo! Todo mundo caiu no choro”.

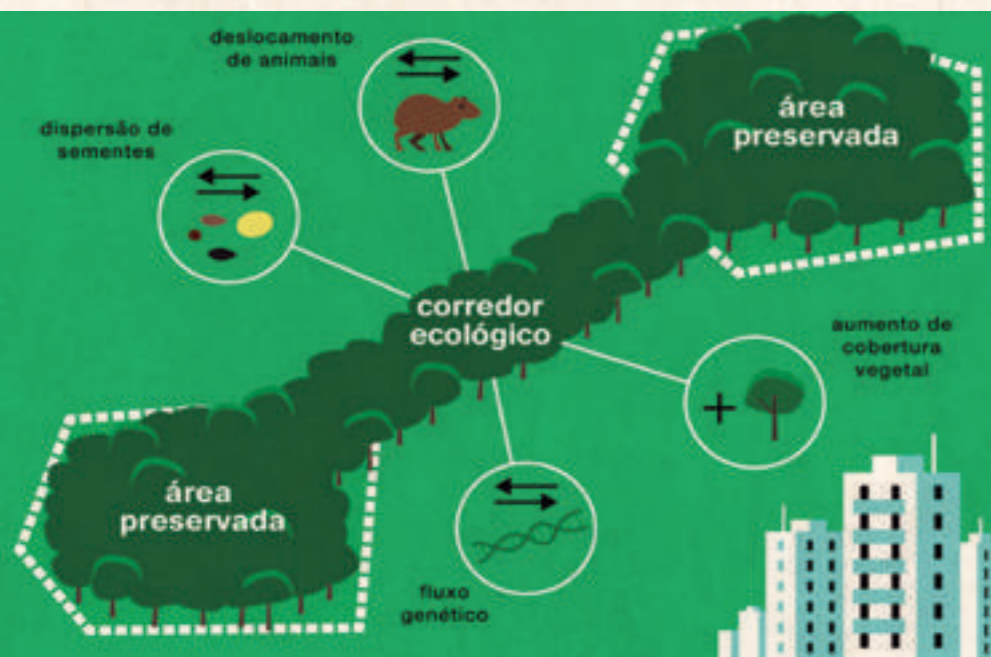


Ilustração de Rafa Antón para *Volta, Muriqui*, livro infantil sobre refaunação. À venda no Gaia Café

Ô abre alas

QUE ELES QUEREM PASSAR

Criar caminhos verdes de passagem para a fauna faz parte da arquitetura de restauração da biodiversidade



@ARVOREAGUA

Infográfico mostra as funcionalidades de um corredor ecológico. Imagem da ONG Árvore e Água

Toda área de proteção ambiental é bem-vinda, claro; mas o ideal é que haja conexão com outras áreas. Pois vários animais precisam se locomover por longas distâncias, faz parte da sua natureza. É o caso de Socorro, Ecológica e Nena, fêmeas que saíram em busca de um bando e precisaram ser resgatadas, pois seu *habitat*, a Mata Atlântica, está totalmente fragmentado. Hoje elas estão protegidas na Muriqui House, mas para que sua espécie escape da lista de animais à beira da extinção é preciso unir matas onde ainda há muriquis. Um corredor ecológico pode ter apenas alguns metros, como uma passarela coberta com vegetação para animais passarem sobre (ou sob) uma rodovia, evitando atropelamentos. Ou pode ter centenas de quilômetros quadrados, atravessando municípios e estados. A intenção é a mesma: propiciar que espécies possam circular fazendo troca genética, recolonizando áreas degradadas com a dispersão de sementes e promovendo o desenvolvimento ambiental. O Ibiti Projeto é um exemplo de corredor ecológico, pois promove um cinturão de proteção ao Parque Estadual do Ibitipoca. Em 40 anos de nossa história, a biodiversidade da região se ampliou muito e pode ampliar ainda mais com a concretização das



Beto Nardelli (à dir.), com o orientador de seu projeto, o professor de Ecologia de Paisagem Alexandre Mastersen, da Universidade de São Carlos



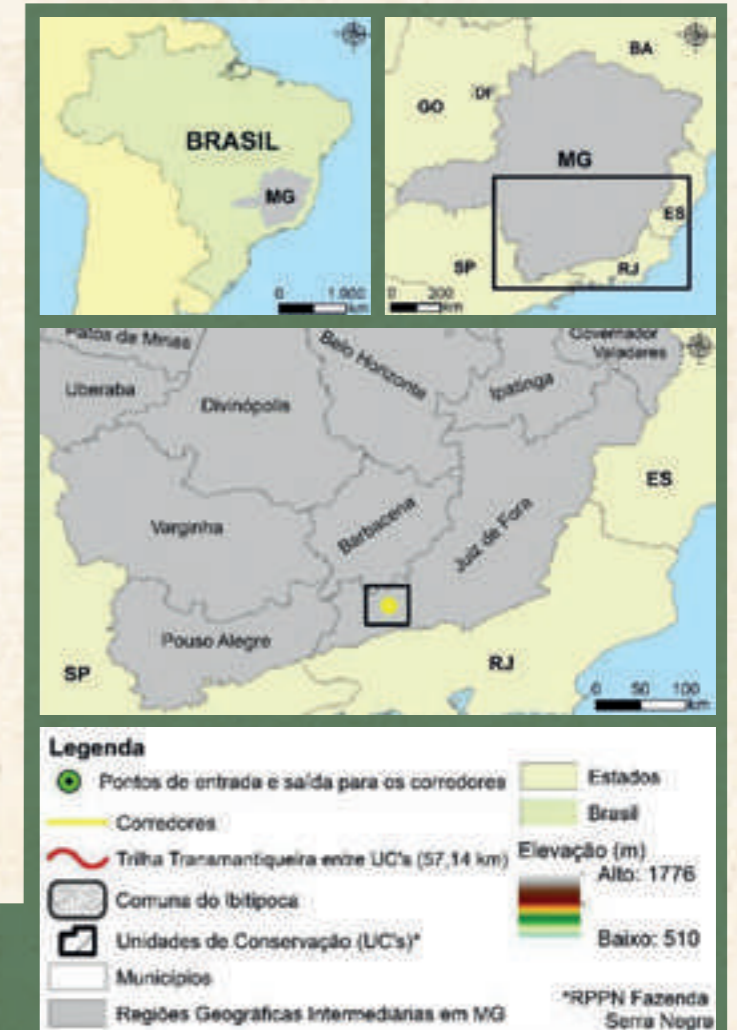
NOS PASSOS DE ALICE

Um alce saiu do Parque Adirondack, nos EUA, cruzou a fronteira do Canadá (atravessou a Hwy. 401 de quatro pistas de Ontário!!!) e, após dois anos e 570 km, chegou ao Parque Algonquin. Sua jornada pôde ser acompanhada (Alice usava uma coleira) e levou ao projeto de criação da A2A, para ligar as duas áreas de preservação ambiental, permitindo a migração da vida selvagem ao longo de 93 mil km. Desde 1990, conservacionistas trabalham na realização desse projeto, que nos sugere observar a paisagem sob a perspectiva de um besouro, pássaro ou urso: para eles inexistem fronteiras. Tudo deveria ser uma continuidade de planícies, morros, rios, pântanos, bosques...

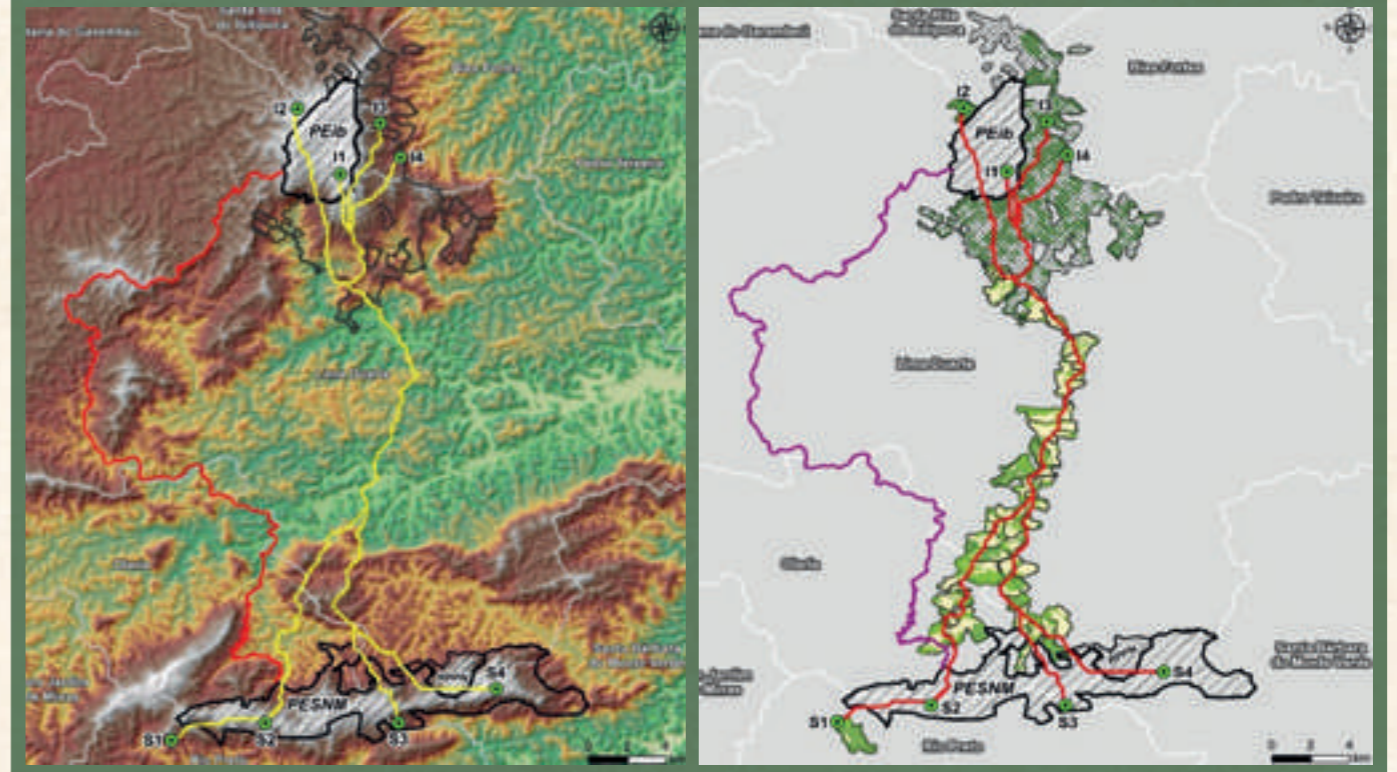
Fonte: rewilding.org/following-alice-the-moose/

propostas indicadas pelo estudo acadêmico “Corredor Entreserras: conectividade entre os Parques Estaduais de Ibitipoca e Serra Negra da Mantiqueira”. Criado em 2018, o Parque Serra Negra tem características muito semelhantes à região de Ibitipoca, de onde dista apenas 28km – os dois parques estão no município de Lima Duarte. A dissertação, defendida por Beto Nardelli, diretor de Biodiversidade do Ibiti Projeto, aponta que a proximidade e o fato de serem ecossistemas semelhantes incentivam a criação de corredores ecológicos para conectar os dois parques e assim aumentar as chances de sobrevivência e manutenção da biodiversidade. No estudo foram traçados 16 possíveis corredores e constatou-se que os

melhores traçados são compostos por áreas de mata nativa (inclusive RPPN), mas também de agricultura, pastagem e silvicultura. Como, inevitavelmente, atravessam uma rodovia, há sugestão de construção de passagens para animais – que, em princípio, são túneis e passarelas. “A pesquisa assinala a necessidade da parceria entre poder público, privado e moradores para a implementação deste projeto”, diz Nardelli. “Uma boa comunicação entre todos é vital para que o corredor ecológico seja considerado uma iniciativa benéfica a todos, tanto pelo impulso dado à biodiversidade quanto como criação de nova área de compensação de carbono”, avalia a bióloga Geovana Onorato, que trabalhou com Nardelli no estudo.



Mapas e referências extraídos do estudo acadêmico “Corredor Entreserras: conectividade entre os Parques Estaduais de Ibitipoca e Serra Negra da Mantiqueira”



POR CIMA E POR BAIXO

Diversos tipos de passagens ecológicas no mundo: elas contribuem para reduzir o índice de atropelamento de animais

QUANTO VALE?

Nossa mera existência gera impacto sobre o planeta. Consumimos recursos naturais e emitimos carbono na atmosfera. Felizmente, diversas ações socioambientais do Ibiti Projeto ajudam a compensar essa “pegada”

Em casa, um copo d’água não custa nada. Na secura do deserto, você é capaz de vender a alma por um gole! O valor da água potável – assim como do solo fértil ou do ar rico em oxigênio – ainda é mensurado como se a fonte fosse inesgotável. Pois bem: não é.

Acontece que a simples existência de cada um de nós gera impacto ambiental: estamos literalmente consumindo o planeta. Cabe ao Ibiti Projeto compensar essa “pegada”. Um trabalho que não é “pago”. Mas somos otimistas! Na história do copo pela metade, gostamos de dizer que está “meio cheio”.



O princípio da hotelaria regenerativa norteia nossa história desde que abrimos a Pousada da Reserva (antigo nome do Engenho Lodge). É a pedra fundamental de cada uma de nossas obras e define até as mais simples escolhas do dia a dia. Um exemplo? Em vez de garrafa de plástico, você encontra a água em jarra nos restaurantes, em cantil nos passeios e em garrafinhas de vidro ou metal no quarto. Ao longo de vários caminhos, ainda vê canecas rústicas penduradas ao lado de bicas. A água puríssima ao alcance das mãos é um convite para lembrar de nossas fontes, nossas raízes, nossa ligação corpórea com o meio ambiente. Como se ao beber a água do local, você se tornasse parte dele, sentindo circular pelo corpo o mesmo líquido que serpenteia os vales de Ibiti. Isso soa meio delirante? Pois muita gente conta que, ao se envolver com a natureza, se deixa levar pelo fluir das águas, pelo contato com o solo... E isso não tem preço! Quem é mais pragmático imprime menos relevância às sensações. Sem problema: basta focar em nossas ações. Pois elas são várias; além de evitar e reutilizar embalagens, damos destino correto aos resíduos orgânicos e aos materiais recicláveis. Sem falar no trabalho constante de educação ambiental – em especial com alunos de escolas da região. Se você for interessado em sustentabilidade pode visitar o galpão de reciclagem, o centro de produção de alimentos orgânicos, o banheiro seco e o ponto de maior impacto positivo no meio ambiente, o restaurante Yucca, cujo cardápio é sintonizado ao novo paradigma de consumo. ‘Menos é mais’, relatório lançado em 2018 pelo Greenpeace, propõe redução da produção e do consumo de carnes e laticínios com objetivo de evitar a aceleração das mudanças climáticas, pois a atividade pecuária é responsável por boa parte do desmatamento da Amazônia, além de ser a principal emissora de gases de efeito estufa no Brasil e no mundo. Outras ações são menos notadas pelo visitante, mas também reduzem sua pegada ambiental. É o caso do uso de energia solar e dos sistemas ecológicos de tratamento de efluentes. Na área do Engenho Lodge, as águas cinzas passam por uma série de etapas de processamento



mecânico e biológico, até serem incorporadas ao lago (foto acima, à esq.). Já no Mogol Village há o sistema de fossa de bananeira, está prevista a instalação de um moderno biodigestor que transforma efluentes em gás de cozinha e adubo; e está em andamento o projeto de fazenda solar.

ECO PRINT: REGENERE SUA PEGADA

Na natureza impera a colaboração: a mata ciliar protege o rio; o rio hidrata as raízes, traz os peixes, alimenta animais; mamíferos e pássaros dispersam sementes; novas árvores brotam e ajudam a manter o ciclo da vida. O propósito do Ibiti Projeto é colaborar com a natureza, acelerando o processo de regeneração do planeta. Destinamos 95% de nossos 6 mil hectares de área ao reflorestamento, protegemos as águas e a biodiversidade, criamos ambiente adequado à refaunação, reforçamos a teia social e... sabemos que tudo isso tem enorme valor, mas não tem preço! Com o Eco Print, esperamos criar ao menos um preço simbólico. Eco Print é um movimento de regeneração da pegada de carbono. Calcula-se que o brasileiro seja responsável, em média, pela emissão anual de 10 toneladas de carbono. E um hectare de mata resgata a mesma quantidade anual de carbono. Ou seja, a “pegada” de uma pessoa é neutralizada no Ibiti Projeto quando ela “adota” um hectare de área onde a mata voltou a crescer. Todos os nossos empreendedores e hóspedes já participam gratuitamente deste movimento, podendo receber um certificado digital de regeneração da pegada de carbono. Em breve, cada um será convidado a renovar este compromisso com a Terra. “É difícil nossa sustentabilidade econômica, pois há uma série de serviços prestados que não são monetizados: resgate do carbono, proteção da biodiversidade, das águas. Nada disso se traduz em receita financeira; me chamam de louco por estar plantando árvores. Mas se a gente quer permanecer nesse planeta, faz sentido cuidar dele melhor”, diz Renato Machado, idealizador do Eco Print. Cuidar do planeta e da gente: vale lembrar que mais de 70% do corpo humano é composto por água.

RESPONSABILIDADE GLOBAL

O Ibiti Projeto faz parte do Sistema B, um movimento global de empresas focadas na construção de um mundo mais inclusivo, equitativo e regenerativo. Ter o certificado de empresa B nos impulsiona a divulgar nossas ações. Entre elas, a educação ambiental, o uso de energia limpa, o incentivo ao vegetarianismo e à economia solidária, a produção de alimentos orgânicos e o programa Eco Print.



Por James Simpson, engenheiro agrônomo
e zootecnista / Grupo Airom*

UM PASSARINHO ME CONTOU

A mesma liberdade que o voo dá às aves para ocupar e percorrer territórios, lhes dá para abandonar áreas que se tornem inóspitas. Elas são indicadores biológicos seguros da qualidade dos ecossistemas que habitam, pois são sensíveis a alterações no ambiente, principalmente desmatamento, queimada e extrativismo sem controle. Não é de estranhar que, ao longo da evolução de cenários negativos, algumas espécies silvestres tenham sido extintas regionalmente e muitas se aproximem desse perigoso destino. Diversas ações têm sido realizadas com o intuito de combater e reverter esse quadro, mas geralmente são de resultado demorado e frequentemente não têm prosseguimento.

Em busca de resultados de curto prazo, a captura de exemplares remanescentes na natureza e/ou a obtenção de exemplares de criadouros – local de reprodução e aumento da população para devolver indivíduos à vida livre, mediante prévia adaptação – é um procedimento que tem se mostrado acertado. E, às vezes, salvador, como ilustra o caso do mutum-de-alagoas, extinto na natureza desde 1979, quando os cinco últimos exemplares foram capturados e levados para cativeiro. Ali a população chegou a 230 aves, permitindo a reintrodução em seu habitat dos primeiros três casais que ajudarão a recompor a espécie. Se isso foi possível para o mutum-de-alagoas, contra todas as perspectivas, quanto não se poderá fazer por espécies que ainda não estão tão severamente ameaçadas?

A região onde o Ibiti Projeto se instalou enfrentou, no passado, o processo de devastação pela ação do homem, em nome do desbravamento de fronteira agrícola e da abertura para o progresso. Com o tempo, mudaram os conceitos e o cenário, especialmente na região que abrange o Parque Estadual do Ibitipoca e o Ibiti Projeto, graças às iniciativas conservacionistas deste último, com destaque para o plantio de árvores e arbustos nativos que, ao atrair uma variedade de aves, mamíferos e insetos, contribuiu não apenas fisicamente para a recuperação dos ecossistemas, mas também intelectualmente, ao alcançar e motivar pessoas locais e viajantes, por meio de atividades educacionais, culturais e filosóficas, integradas de modo a favorecer a visão ampla do universo e a percepção do papel do ser humano, como espécie que é, na manutenção desse delicado equilíbrio.

Entretanto, nem todas as espécies silvestres da região contam com remanescentes populacionais para reocupar as matas recuperadas, pois há aquelas que sofreram extinção local durante as décadas de descaso ambiental, e é aí que o Projeto Refaunação mostra sua importância, ao trazer de outras áreas exemplares de espécies críticas para a recuperação e o equilíbrio dos ecossistemas, como a jacutinga e o macuco. Espera-se, que a volta dessas e outras aves, ajudem a fortalecer a educação ambiental no Ibiti Projeto, visto que as características de plumagem, canto, voo, construção de ninhos e movimentação as tornam muito atrativas às pessoas.

* O Grupo Airom Ambiental une a Crax Sociedade de Pesquisa da Fauna Silvestre-MG, o Criadouro Tropicus (RJ) e o Criadouro Guaratuba (PR)

Plantando Aves

Quer ouvir o canto do sabiá, o pio da coruja, seguir com os olhos o voo da águia e encantar-se com os tons brilhantes do beija-flor? Semeie árvores!



"Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim um atraso de nascença.

Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo."

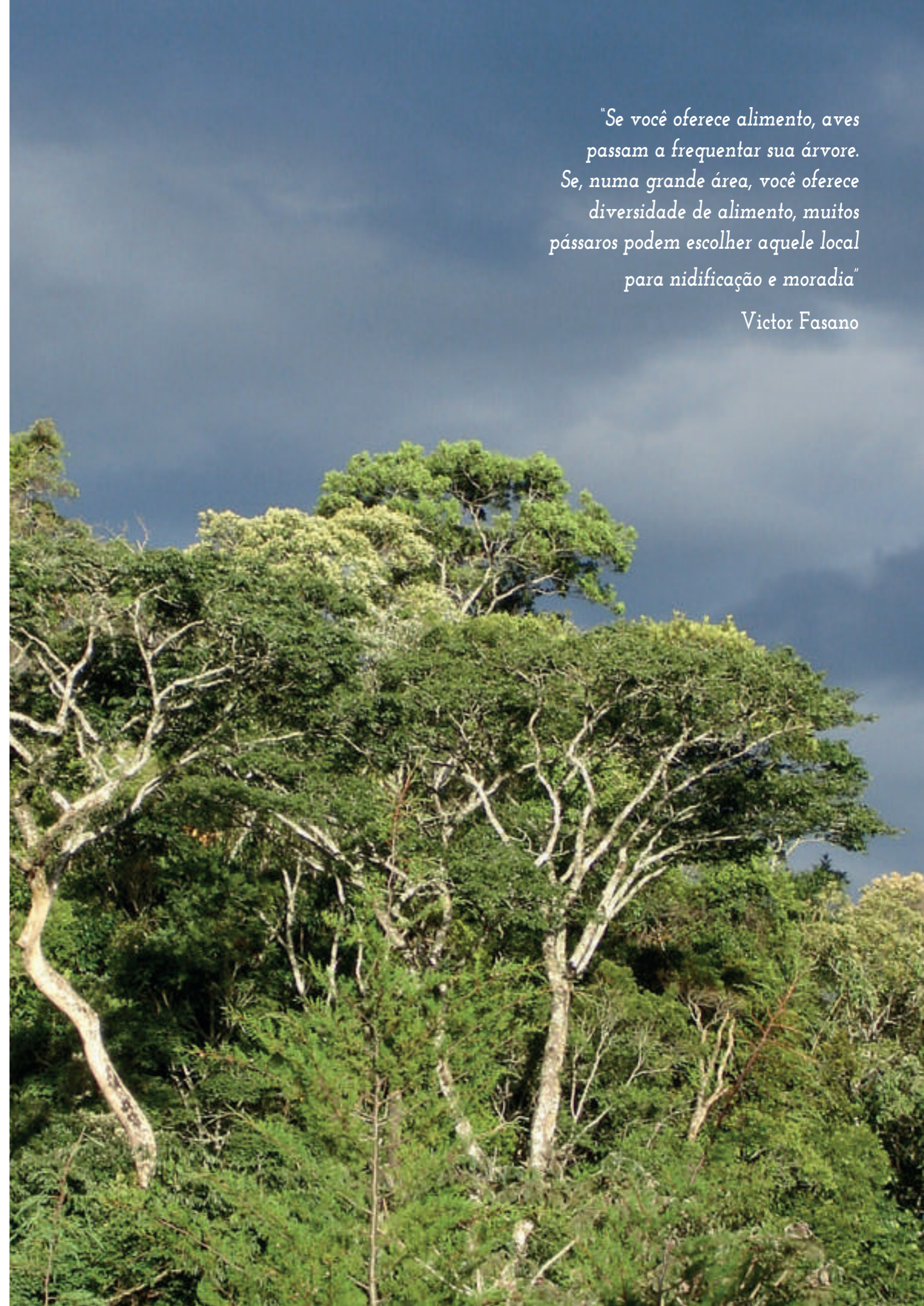
TRECHO DO POEMA O APANHADOR DE
DESPERDÍCIOS, DE MANOEL DE BARROS

Dispersoras de sementes, agentes polinizadoras, reguladoras de populações de insetos e parasitas, as aves são essenciais ao equilíbrio ecológico. E estão ameaçadas no mundo inteiro. A causa maior não é a caça, mas a perda de *habitat* e a consequente escassez de alimento. Para reverter tal quadro, o primeiro passo é plantar árvores que garantam frutos, sementes e flores em abundância. Victor Fasano, criador de aves ameaçadas de extinção e sócio do Grupo Airom Ambiental, é um desses semeadores de pássaros. Ao longo de quatro décadas, plantou e coordenou o plantio de milhares de mudas em várias regiões do Brasil – e mundo afora – compensando, assim, a própria pegada ambiental e conhecendo espécies nativas dignas do cenário fabuloso do filme *Avatar*, como a *Dipterocarpus stellatus*. Victor descreve essa majestosa árvore, como se falasse de um bom amigo, com intimidade e amor. É um ambientalista nato; inspirado pela avó, que contava histórias de formigas, minhocas e outros pequenos seres desimportantes, como definiu o poeta Manoel de Barros.

No Ibiti Projeto, além de ser o responsável pela refaunação da jacutinga, projetou o paisagismo do Mogol Village. Nada de canteiros desenhados com régua e compasso; seu estilo é ser um "aperfeiçoador da natureza", plantando ipês, paineiras e mulungus em harmonia com a paisagem, para atrair pássaros e... gente! Fasano espera nos cativar com o perfume das flores, o sabor dos frutos e a beleza das plantas: conhecer para amar, amar para preservar. Esse convite é feito diariamente aos empreendedores, vizinhos e visitantes, para que identifiquem as espécies arbóreas, os diversos tipos de ninhos e protejam os pássaros. Pois tudo está interligado: terra, água, flora e todo ser vivo. "Se você oferece alimento, aves passam a frequentar sua árvore. Se, numa grande área, você oferece diversidade de alimento, muitos pássaros podem escolher aquele local para nidificação e moradia", diz Fasano. Entre as árvores mais atrativas aos pássaros, temos as palmeiras brasileiras, canelas nativas, paineiras, eritrinas (como o mulungu), ipês e a fruta do sabiá (uma espécie nativa de Minas). Mesmo espécies exóticas, que não sejam invasivas, podem entrar nessa seleção. Caso da *calli-carpa reevesii*, que frutifica quatro vezes ao ano e oferece abrigo a ninhos de diversas espécies. Uma árvore que disponha de tal fartura de alimento tem especial valor diante do alarmante cenário mundial: há mais aves criadas pela indústria alimentícia (60%) do que aves selvagens (40%), segundo dados divulgados pela BBC de Londres. O crescimento significativo do veganismo, a ação de ONGs e de outras instituições e o plantio de mudas prometem dar asas ao movimento de refaunação.

"Se você oferece alimento, aves
passam a frequentar sua árvore.
Se, numa grande área, você oferece
diversidade de alimento, muitos
pássaros podem escolher aquele local
para nidificação e moradia"

Victor Fasano



Mais que usar ingredientes frescos, saudáveis e sustentáveis, colocamos em cada prato a energia do amor ao solo, da colheita manual e do cuidado no preparo dos alimentos

Beleza QUE PÕE MESA



Ibiti é um sonho se tornando realidade. Uma das sustentações para abarcar e conduzir esse sonho é a busca de autossuficiência: plantar, colher, beneficiar, cozinhar e abastecer nossos restaurantes com alimentos livres de agrotóxicos. A Gaia Produtos Ecológicos, empreendimento com pouco mais de cinco anos de história, já garante verduras, legumes, cereais, frutas, cana-de-açúcar; e produz os clássicos ingredientes e gostosuras de Minas: doces, geleias, garapa, melado, rapadura; polvilho, puba, fubá e canjiquinha. Uai, e a cachaça? Oferecemos a Me Leva, feita em Andrelândia, município próximo do Ibiti. Para impulsionar a economia circular, adquirimos outros produtos de fornecedores sintonizados com nossa filosofia. O resultado dessas parcerias, do plantio e do beneficiamento de alimentos, é poder adotar o conceito *farm to table* (da fazenda à mesa). E assim ofertar pratos elaborados com ingredientes frescos, locais, integrais e orgânicos.



A responsável pelo planejamento da Gaia e do Restaurante Yucca é Kelly Lima. Engenheira de produção, com conhecimento em educação ambiental, está fazendo o empreendimento crescer a olhos vistos.



Janice Ventorim, agrônoma, mostra cuidado com cada muda plantada. Lembra que a planta precisa, por exemplo, de conforto térmico, especialmente se a terra está descoberta. Usa técnicas de manejo sustentável do solo e coordena o novo sistema de irrigação.



Um reservatório de 470 mil litros garante a irrigação. Fator de grande relevância, pois o solo aqui é arenoso.



Uma pequena fração de nossos 6 mil hectares é destinada ao plantio. Essa área na mata reservada ao cultivo de feijão é exemplo de como preservação combina com agroecologia.



Técnicas utilizadas: rotação de culturas, pousio (tempo para o solo descansar e "se manifestar") e consórcio (a bananeira, por ex., gera sombra, umedece e enriquece o solo para plantar outras frutíferas).



A Gaia Produtos Ecológicos não usa agrotóxico, e o processo de obtenção do selo de produto orgânico está em andamento.



Estufas Gaia, no Mogol. Construídas em 2021, para plantar morango, tomate e folhas. Em breve, será inaugurada nossa agroindústria para produzir geleias, compotas, molho de tomate e desidratados. Todos com certificado orgânico.



No polo Gaia Terroá, você pode visitar a horta, produção de grãos, cafezal, frutíferas, sistema de irrigação e ver a roda d'água que gera energia a vários equipamentos para beneficiar alimentos.



O restaurante Gaia Terroá é abraçado pela horta. Ali também realizamos oficinas culinárias.



Temos 12 tipos de feijão, entre eles o rosinha, amarelo e verde.



A colheita de arroz é feita de forma manual. Seu Gaspar foi quem trouxe o primeiro punhado para plantio no Ibiti Projeto. Ele é o guardião do arrozal!



Arábica catuaí amarelo: cultivamos em 1,5 ha esse saboroso café, com intenção de duplicar a plantação em 2024.

NUTRIENTES PARA O SOLO

O ciclo do alimento se mantém no Ibiti Projeto por meio da compostagem de resíduos orgânicos. O húmus gerado neste processo é adicionado ao adubo de origem animal, enriquecendo o solo. O resultado são hortas belas como jardins, capazes de suprir a demanda de nossos restaurantes e ainda gerar renda com a venda de farinhas, geleias e outros produtos no Gaia Café. Aliás, o visitante pode se inscrever na Oficina Culinária do Terroá e participar do processo: plantar, colher, preparar alimentos e, ao final, saborear os pratos. A experiência gastronômica abrange a visita ao engenho movido a água, onde se produz fubá e farinha de mandioca, que vira polvilho, tapioca e outros ingredientes brasileiríssimos.



INGREDIENTE INUSITADO

Taioba, rúcula do mato, serralha, capuchinha, peixinho e ora-pro-nóbis são exemplos de PANCs (Plantas Alimentícias não Convencionais), que enfeitam nossas saladas, enriquecem pratos e, muitas vezes, surpreendem o comensal. Quem já degustou uma folha empanada de peixinho-da-horta (*Stachys byzantina*) entende bem isso. Ela fica crocante e saborosa, lembrando um filé de tilápia. Assim como a ora-pro-nóbis, essa PANC tem alto teor proteico e é ofertada naturalmente pela terra.



“Açai da juçara”: usada em receitas doces e salgadas, a polpa é um alimento rico e sustentável, pois é obtida do fruto da juçara, preservando esta palmeira nativa das nossas matas. Trata-se de extrativismo sustentável.



A produção é vendida no Gaia Café e pela internet. Dependendo da estação, tem tomate, morango, feijão, arroz, milho, café, farinhas... Além de produtos de parceiros, como azeite e leite vegetal.



A “fazenda” chega à mesa do Gaia Café, Terroá, Yucca, Restaurante do Engenho e no refeitório do Mogol. São 1000 kg de feijão por ano só para o refeitório, que atende em torno de 50 pessoas por dia.

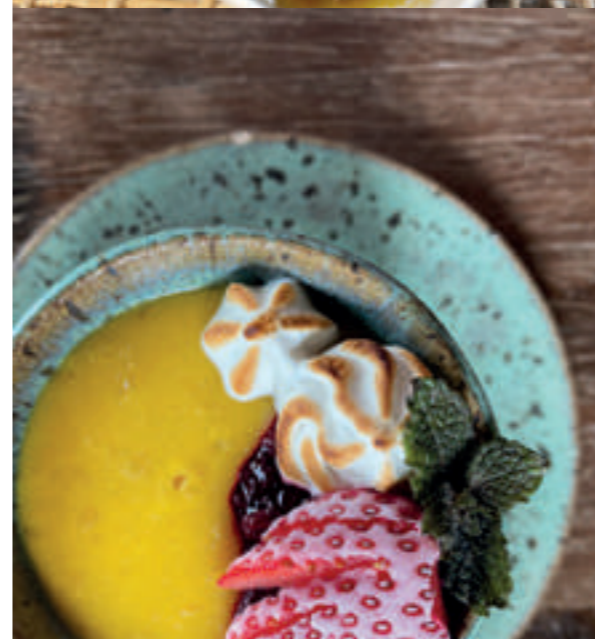


A imagem acima é uma entre diversas artes estampadas nas paredes e chão da Venda, local onde recebemos os visitantes do conceito Village e apresentamos o Ibiti Projeto. Ao optar pelo “Eco” indicamos a tônica fundamental de nossos propósitos e inspirações: pretendemos tecer uma relação de respeito e harmonia entre os seres que habitam a Terra. A partir dessa premissa faz muito sentido o Ibiti Projeto valorizar o movimento vegano. Seguir em direção ao veganismo é uma escolha que congrega vários fatores. O primeiro diz respeito à coerência com o objetivo definido no início de nossa história, que era deixar a mata crescer onde antes havia apenas pasto. Durante muitas décadas, a economia da região foi baseada na criação de gado, e era comum desmatar e colocar fogo

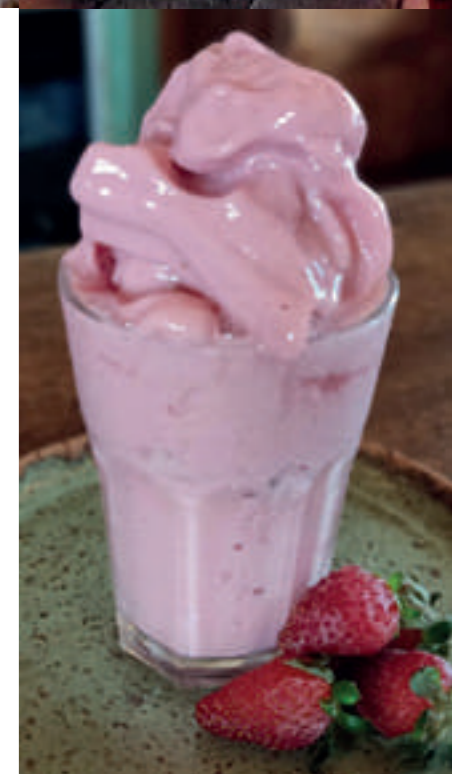
no pasto em vez de roçar. Portanto, produzir carne ou leite é algo que contraria os princípios basilares da preservação ambiental e das ações de resgate da biodiversidade. Isso vale para a nossa região e para todo o planeta! Está mais do que provado o quanto a indústria da carne gera impacto negativo no solo, na água e ar. Certamente, em teoria, grande parte da nossa equipe e a maioria dos hóspedes deve concordar. Na prática, porém, a realidade é outra... “Há muita resistência”, diz Habiba, empreendedora do Mogol Spa. “Mais entre a gente do que entre os hóspedes”, complementa a instrutora de yoga, vegana há tempos. O motivo é simples: está incorporado à cultura local o consumo de várias carnes. É dia de festa? Há de se servir um leitão, uma feijoada, um churrasco! Atentos a isso, vamos em

direção ao veganismo aos poucos, sem atropelos. A matemática aqui não é “tirar a carne”, e sim adicionar ingredientes, temperos e combinações de texturas e aromas, para surpreender o comensal e ativar seus sentidos. O intuito é estimular, por meio da gastronomia vegetariana, a redução do consumo de alimentos de origem animal. Sabemos que mudar hábitos alimentares não é algo simples e, exatamente por isso, convidamos o hóspede a se dar uma chance para experimentar novos sabores. O lugar perfeito para viver essa experiência é o Mogol Village, onde há petiscos vegetarianos no Gaia Café e refeições no Yucca. Mariana Cristina da Silva, a Mari, trabalha neste restaurante e conta que no início trazia marmitta, pois não ficava sem carne. Bem aos poucos mudou a dieta: “Não conhecia nada sobre

os grãos. Aprendi a usar vários tipos de farinha, o curry, a noz-moscada e outros temperos. Conheci o valor dos produtos orgânicos e das frutas da estação. Não sinto falta nenhuma de carne; notei até que acordo mais disposta. A gente tem um conhecimento agora que dá vontade de conhecer outras culturas”. Mari aprendeu a cozinhar com a veterana dona Odete e logo integrou a equipe do Yucca, comandado durante quatro anos por Mateus Abdo. O chef aceitou o desafio de, sem ser vegetariano, assumir uma cozinha que não conjuga o verbo tirar ou adaptar; e sim experimentar, criar. “Quando se fala em gastronomia vegana é algo ainda novo no nosso país, onde os pratos típicos, de norte a sul, usam algum tipo de carne. Logo, não basta tirar a carne. É preciso reinventar!”, explica Mateus.



SURPRESAS GASTRONÔMICAS
Realizado em 2023 em locais mágicos como as Estátuas, Lago Negro e Oca, o IBITI VEGAN FESTIVAL foi uma festa para os sentidos. Especialistas em gastronomia vegana serviram maravilhas na Prainha do Mogol, ao som de chorinho ao vivo. E apresentaram a versatilidade de ingredientes *plant-based*, como o cogumelo, que foi estrela de um inesquecível churrasco. Nosso chef Mateus Abdo representou Minas com seu clássico feijão-tropeiro. E prestigiamos os leites e manteiga da marca Naveia, criada pelo casal Alex e Ufo, nossos amigos e vizinhos. Prática de yoga, meditação, conversa sobre veganismo no esporte, caminhada com identificação de plantas alimentícias não convencionais (PANCs) e uma palestra esclarecedora do médico nutrólogo Eric Slywitch arredondaram o evento veg.



EXPERIÊNCIA NIGHT & DAY

Lago Negro, um dos locais onde o chef Mateus personaliza e promove eventos gastronômicos. A novidade é este convidativo deque flutuante



Bate-papo com o CHEF

Minas remete a linguiça, toucinho, leite fresco... E o Yucca quebra esse paradigma: é um restaurante que segue a filosofia *plant-based* na mineiríssima Vila do Mogol. Elaborar pratos que deem água na boca de comensais habituados a cardápios sem restrição foi por quatro anos o desafio de Mateus Abdo, hoje empreendedor do Ibiti Experience. Seus argumentos foram bem convincentes! Entre eles, risoto de cogumelos, *paella* vegetariana, feijoada vegana, quiche de quinua, hambúrguer de grão-de-bico, coxinha de carne de jaca e outras iguarias que falam mais que mil palavras.

Até assumir a cozinha do Yucca, em 2019, já tinha trabalhado com culinária vegetariana?

Ou, pessoalmente, havia seguido essa dieta?

Trabalhei com chefs renomados como Helena Rizzo, Tsuyoshi Murakami, Claude Troisgros, Emmanuel Bassoleil, Alex Atala e Laurent Suaudeau, meu mentor. Ele usa como base os fundamentos da culinária francesa e ingredientes essencialmente locais e frescos.

Como se preparou para a tarefa?

Foi coragem pessoal assumir esse desafio! Assumi porque me impressionou o visionarismo do Renato (idealizador do Ibiti Projeto), ele sabia que significava comprar briga e perder dinheiro. Sabia que algumas pessoas cancelariam a reserva e que teria reclamação antes mesmo de o hóspede chegar aqui.

No Yucca passou por alguma situação inusitada?

Várias! Sei de hóspede que guardou picanha no frigobar por medo de sentir falta e acabou se rendendo ao prazer de comer no Yucca. Muita gente se converte pelo paladar.

Recebeu comentários positivos?

Muitos. E acho que o segredo é não dizer que estou fazendo um prato análogo ao que vem carne. Se ofereço um hambúrguer de cogumelo, falo que é cogumelo – e não algo que lembre, imite o sabor da carne. Uso ingredientes nobres, estudo cada receita e ofereço uma alta gastronomia.



Mateus Abdo absorto em sua alquimia culinária

A partir da sua experiência, o que o vegetarianismo tem a oferecer ao público gourmet, que aprecia um bom prato?

Oportunidade de experimentar novos sabores.

O que, em geral, mais alegra o hóspede em termos de sabor?

A criatividade, a surpresa de ver pratos tradicionais em divinas versões veganas, como nossa *paella*.

Após quatro anos à frente do Yucca, o que aprendeu com o vegetarianismo e gostaria de indicar a outros cozinheiros?

Que a mudança é possível. Vejo isso na minha própria equipe.

Na maior parte dos eventos, o Ibiti está oferecendo experiências gastronômicas veganas. Como é a receptividade?

Muito boa, graças principalmente à parceria com Alex e Ufo, da Naveia. Eles são inspiradores e realmente se envolvem. Eles organizaram e patrocinaram o Ibiti Vegan Festival, que nos proporcionou maior conhecimento e apresentou produtos novos, como a Cogumelado e a Carnevale.

ESCOLHA SUA
VIBE

Conheça os conceitos Village, Engenho e Remote.
Estilos distintos, um mesmo convite: *carpe diem*



Vista generosa, ducha de água pura, amenities veganas e banheira vitoriana caracterizam os banheiros das hospedagens

“O cê num sabe como é bom vivê, numa casinha branca di sapê...”, a antiga canção, daquelas de tocar em viola caipira e cantar no alpendre em noite enluarada, alude ao sossego da vida tranquila e à alegria na simplicidade. Pois nossos três conceitos de hospedagem seguem essa filosofia mineira. Quem aqui se aconchega pode se conectar às redes sociais, claro; mas costuma ser seduzido pelo canto da passarinhada a desplugar e se deixar embalar em outras redes, daquelas antigas e repousantes. E ali permitir ser balanceado por delicadas conexões: os sons da bicharada, o suave barulhinho das folhas, o murmúrio das águas, os perfumes, o verde, a abundância de oxigênio no ar... Piegas? Com certeza. Mas, acredite, absolutamente prazeroso. Cabe à equipe de hospedagem identificar em qual rede o visitante deseja se jogar, pois a depender do momento de vida, até as vontades mais arraigadas mudam. Se, por um lado, o conforto do Engenho Lodge parece irrecusável, vivenciar o isolamento do Isgoné pode causar uma satisfação insuperável. Seja qual for a escolha, o convite é o mesmo: *carpe diem*, aproveite a bênção de estar imerso, de corpo e alma, nestas paragens.

VILLAGE

Ruas de terra, fachadas discretas, igrejinha, um pequeno cemitério, coreto, galo cantando, cachorro latindo. O Mogol seria apenas mais uma das centenas de vilas encravadas em montanhas mineiras, não fosse a surpresa de algumas das casas formarem o que chamamos de conceito Village. De um lado da igreja, fica a Casa Freud (decorada em homenagem ao “pai da psicanálise”); do outro, as casas Humboldt, Guimarães Rosa e Thomas Sowell, voltadas para um amplo vale margeado pela serra que forma uma das vertentes do Parque Estadual do Ibitipoca. Em frente à igreja, há uma construção no mesmo estilo colonial com cinco suítes independentes. Estas hospedagens combinam minimalismo e conforto com sutil elegância e são ideais para casais, famílias e pequenos grupos. Quem opta por este conceito logo entra no clima de interior – um deleite especialmente para as crianças pequenas, que aproveitam a

liberdade com segurança. O Village fica, literalmente, em um vilarejo – o Mogol – e as hospedagens são intercaladas com residências locais. Onde havia uma antiga venda (daquelas que ofertavam de sabonete a botinas), construímos um espaço de interação; na parte de cima, ficam a recepção, piano, mesa de sinuca e o Gaia Café, onde são comercializados produtos plantados, colhidos e processados aqui. Embaixo, o Cine Mazzaropi, o encantador Spa Village e, bem na frente, uma inacreditável piscina aquecida para terapias aquáticas! Tudo isso sem contar que, em um raio de 3,5 km, há prainhas, rios, lago com borda infinita, cachoeiras e várias trilhas sinalizadas. Para arrematar, prepare os talheres e delicie-se no Yucca, onde você pode dividir a mesa com visitantes do Ibiti Projeto. Uma interação que tende a se estender no pátio – ali, em noites frias, se acende o fogo e a prosa corre solta. A estrutura do restaurante é toda muito gostosa, com cozinha integrada ao salão,

forno a lenha, varanda, pátio interno e gazebo para as noites de pizza. No cardápio iguarias vegetarianas capazes de surpreender paladares dos mais exigentes. Por uma questão de coerência com nossas ações de preservação, o Yucca não serve carne. Os outros restaurantes também não oferecem boi, mas adquirem de produtores locais o frango caipira, cordeiro, porco e peixes. Em comum, todos seguem o conceito *farm to table* (da fazenda à mesa) e usam alimentos livres de agrotóxicos, produzidos pela Gaia Produtos Ecológicos.

Boas-vindas no Yucca: horta orgânica, delícias caseiras e belas palavras



Detalhes do estilo arquitetônico sustentável: ventilação natural, forro de palha, reutilização de telhas e de madeira





Cenários de deleite no Engenho Lodge: sauna com hidromassagem; suite ampla; e o belíssimo salão de refeições

Isgoné, hospedagem localizada no ponto mais alto do Ibiti Projeto (no alto); Casa Spinoza e o Restaurante do Areião

ENGENHO

Cantado em versos e prosa, o Engenho Lodge foi nossa primeira hospedagem e tem oito belíssimas suítes em estilo colonial mineiro. A iluminação aconchegante, em harmonia com o cenário natural, os caminhos de pedras, os objetos de madeira, o fogo no pátio interno, as flores emoldurando a ampla varanda, o piano de cauda na sala... A composição faz do Engenho uma peça única, especial, louvada por quem ali se hospeda. A Casa Carlinhos, de arquitetura semelhante à do Engenho Lodge, oferece três amplas suítes e muita privacidade. Ideal para estar entre amigos ou em família. Todas as acomodações do conceito Engenho são divinas – mas não contam com frigobar ou TV, pois a proposta é abrir os sentidos para a natureza. Algo que, aliás, se esbanja no Ibiti. As belezas podem ser apreciadas de mil formas: a pé, de bike, a cavalo; no alto do Garnet ou durante uma relaxante imersão na *jacuzzi*; nas areias da Prainha ou pelo vidro da sauna... Ou mesmo de olhos cerrados, durante uma massagem no Raízes Spa, ouvindo a passarinhada, sentindo a mansidão do lago. Depois, com a alma saciada, você se entrega aos prazeres da gula. A priori, se está hospedado no conceito Engenho, as refeições são no Restaurante do Engenho, espaço acolhedor, que mescla com charme o rústico ao chique; mas você tem liberdade de agendar almoço no Yucca ou um jantar à luz de velas no Salão (uma gruta voltada para o

vale). Afinal, personalizar experiências é nossa especialidade! Com sala ampla, ladeada por janelas de vidro colorido, e um pátio interno com mesa comprida e sofás, o Restaurante do Engenho prioriza a culinária mineira no almoço, servido sobre o fogão a lenha, e pratos *à la carte* (alguns criados pelos renomados chefs Claude Troisgros e Pablo Oazen). O cardápio muda diariamente e pode ser definido conforme a ocasião e perfil dos comensais. Para quem aprecia comer ao ar livre, há possibilidade de almoço no Prainha Grill e, aos domingos, o café da manhã é no encantador Jardim das Jabuticabeiras. Além da variedade de frutas, pães e bolos, você degusta nosso famoso pão de queijo. No Engenho, a lojinha Meninas do Engenho vende caponata de berinjela, geleia, pão de canela e outras iguarias feitas pela equipe da cozinha.

REMOTE

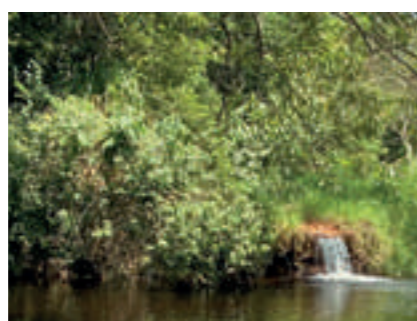
A majestosa Pedra do Gavião é avistada de vários pontos do Ibiti Projeto e reúne uma série de atrações interessantes: os balanços do Garnet, o Jardim das Bromélias, a árvore dos Sete Cavaleiros, o mirante e... as Estátuas! Que tal se hospedar perto disso tudo? Pois ali fica o Isgoné, primeira construção do conceito Remote, com acesso a pé, de bicicleta, cavalo ou helicóptero. No topo da montanha de 1470 metros, com vista de 360 graus, ele é um apaixonante refúgio, rústico por fora e confortável por dentro. A inusitada banheira ao ar livre arremata a experiência. Quem ali se hospeda pode fazer refeições nos nossos restaurantes, no Rancho do Ganet ou no próprio chalé. Distante 23 km do Mogol, fica a área conhecida por Areião. O caminho já nos prepara para vivenciar a segunda opção de conceito Remote – ainda mais radical.

Os últimos resquícios de pessoas e ruídos vão se desmanchando pela sinuosa estrada de terra, enquanto somos arrebatados pelo sentido do isolamento. Água da fonte, os variados tons de verde, perfumes da mata, sons de animais e o prazer de sentir na pele a atmosfera salutar da natureza. Ao chegar ao Areião, somos absorvidos pela paisagem: tapetes de areia, árvores centenárias e a imponente face escarpada do Parque Estadual do Ibitipoca. Nas noites de céu límpido, o Remote esbanja estrelas e, nas épocas certas, há espetáculo dos vagalumes. Seja na Casa Spinoza, com dois quartos, ou no Epicuro, loft super gostoso, perfeito para casal, recebemos o mesmo cuidado dos empreendedores Carlinhos e Mariinha. É ela quem cuida da cozinha do Restaurante do Areião, imbatível em termos de vista, absolutamente magnífica! O mar de montanhas se mesclando ao horizonte acalma a mente, enquanto uma cachacinha abre o apetite. A cozinha bem equipada e uma construção que mescla elementos rústicos, como madeira e tijolos de barro, com vigas metálicas e telhado modular com placas solares, criam o estilo desse restaurante. No amplo salão as refeições são servidas de acordo com o perfil dos hóspedes – sempre com aquele cuidado de comida caseira, preparada no fogão a lenha. O Restaurante do Areião é também opção de almoço durante passeios para quem está hospedado no Village ou Engenho.



DEGUSTE A SEU GOSTO

A experiência gastronômica pode incluir desde um romântico jantar na gruta Salão ou um café da manhã literalmente dentro do Rio do Salto, até um piquenique ao pé das Estátuas ou almoço no alto de uma montanha. Você também pode contratar o *personal chef* para cozinhar na sua própria acomodação, preparar um grelhado à beira do Lago Negro ou... No Ibiti Projeto muitas são as possibilidades de local e cardápio!



Equipe do Engenho Lodge: Mayara, Daiana e Taty

ATENTO AOS SINAIS

Cada conceito de hospedagem tem uma equipe para reger a estadia do visitante, afinando detalhes para que sua experiência seja harmoniosa. Luan Oliveira, anfitrião do Mogol Village, tem orgulho de vestir a camisa e apresentar o Ibiti Projeto. Para ele, dar o máximo de informações práticas antes de o hóspede chegar ajuda a nivelar expectativas e realidades. “Eu reduzi meu consumo de carne e me sinto melhor assim, mas entendo que a pessoa não goste de ser pega de surpresa em um restaurante vegetariano”, exemplifica. Ou seja, busca-se entender antecipadamente o perfil de cada hóspede. “A diferença do bom e do ótimo está na sutileza”, a frase em uma parede do Spa Raízes, no conceito Engenho, guia a equipe de hospedagem. Para a pessoa se sentir bem-vinda, anotamos suas preferências, respeitamos suas restrições

e, ao longo da estadia, buscamos acrescentar surpresas à experiência. A equipe fica atenta aos sinais, pois, mesmo sem perceber, o hóspede fala do que gosta. Se durante um passeio, o guia percebe que há desejo de um prato especial, por que não surpreender o casal na hora do jantar? “A gente está aqui para realizar sonhos”, sintetiza Gabriela Pacheco, a Gabi, responsável pela governança do Mogol. Cláudia Baumgartz, empreendedora do Engenho Lodge, também investe na boa comunicação para que o visitante aproveite a estada no local em que mais se identifica. “Cada conceito tem seu perfil, não se trata de comparação; e sim de escolha.” Para ela, o ideal é vivenciar os três: começar pela tranquila comodidade do Engenho, passar pela experiência de dormir em uma vila (Mogol Village) e finalizar com o silêncio e isolamento do conceito Remote. Para isso, criamos o Programa Travessia. Ao longo de cinco dias, você conhece uma boa parte do Ibiti Projeto, atravessando vales e montanhas a pé, a cavalo ou de bicicleta – com apoio, claro, de um guia. Ao fim de cada dia, descansa no Engenho, no Mogol Village ou em uma das opções Remote. A equipe de apoio leva os pertences dos aventureiros e prepara sua chegada. A proposta do programa é proporcionar, em uma única viagem, a vivência dos três conceitos de hospedagem. Há quem se pergunte “por que dormir numa casa de barro, sem forro no telhado, se há uma pousada tão incrível por lá?” Simples, há uma evolução no conceito do luxo: não é mais consumir, é vivenciar.



Aficionado por bike não falta entre hóspedes e empreendedores. Como o campeão Miguel Giovannini (Miguelzinho), que cuida dos equipamentos com zelo de mãe. Sua loja no Mogol tem modernos modelos de e-bike e até reboque para os pequenos. Para quem prefere competir ou assistir a uma boa pedalada, o Ibiti Projeto sedia o circuito Sertões MTB Ibitipoca.

Be happy

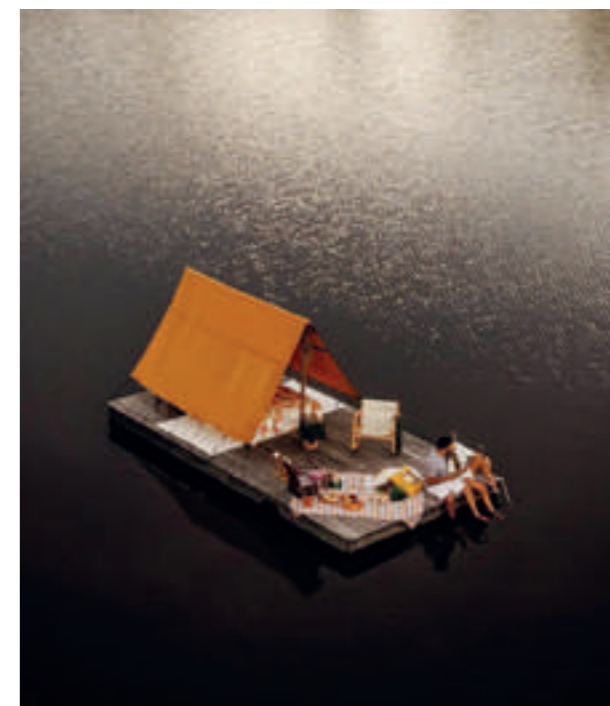
PRAZER DE VIVER

Bike, trilha, vôlei, massagem, yoga, contemplação... qual é sua praia?



Quem disse que Minas não tem mar? Os morros e vales formam ondas, que embarcam os olhos em direção ao horizonte. E quando os pés procuram o prazer da areia, as rochas quebradiças pela ação do tempo criam prainhas de puro quartzito, margeando águas cor de ferrugem. O amor pela região de Ibitipoca deu o impulso à criação do, hoje, Ibiti Projeto. Nos anos 1980, a turma se reunia na fazenda do Carlinhos para tocar violão, curtir o céu estrelado, tomar banho de rio, jogar pelada, andar de bicicleta... Simplesmente curtir os dias na serra. Bom, 42 anos depois, propomos exatamente o mesmo: que você se entregue à alegria dos pequenos prazeres. Na areia, na grama, na terra, na água, nas pedras e até no ar, as atividades físicas fazem parte da nossa história e do nosso presente. Louvamos e somos adeptos da sentença *mens sana in corpore sano*.

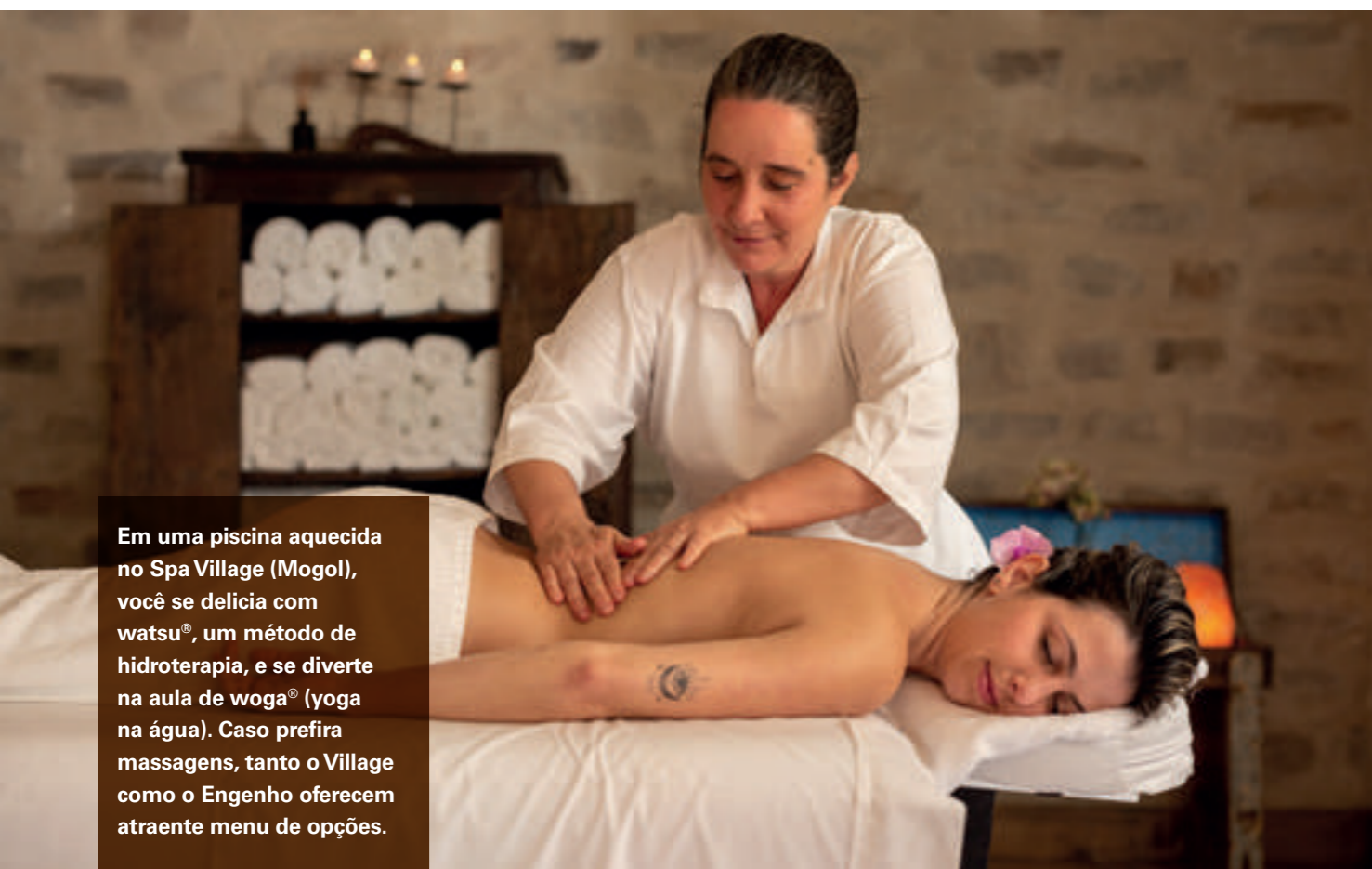
O plácido lago do Engenho; uma das várias piscininhas naturais e o majestoso Lago Negro



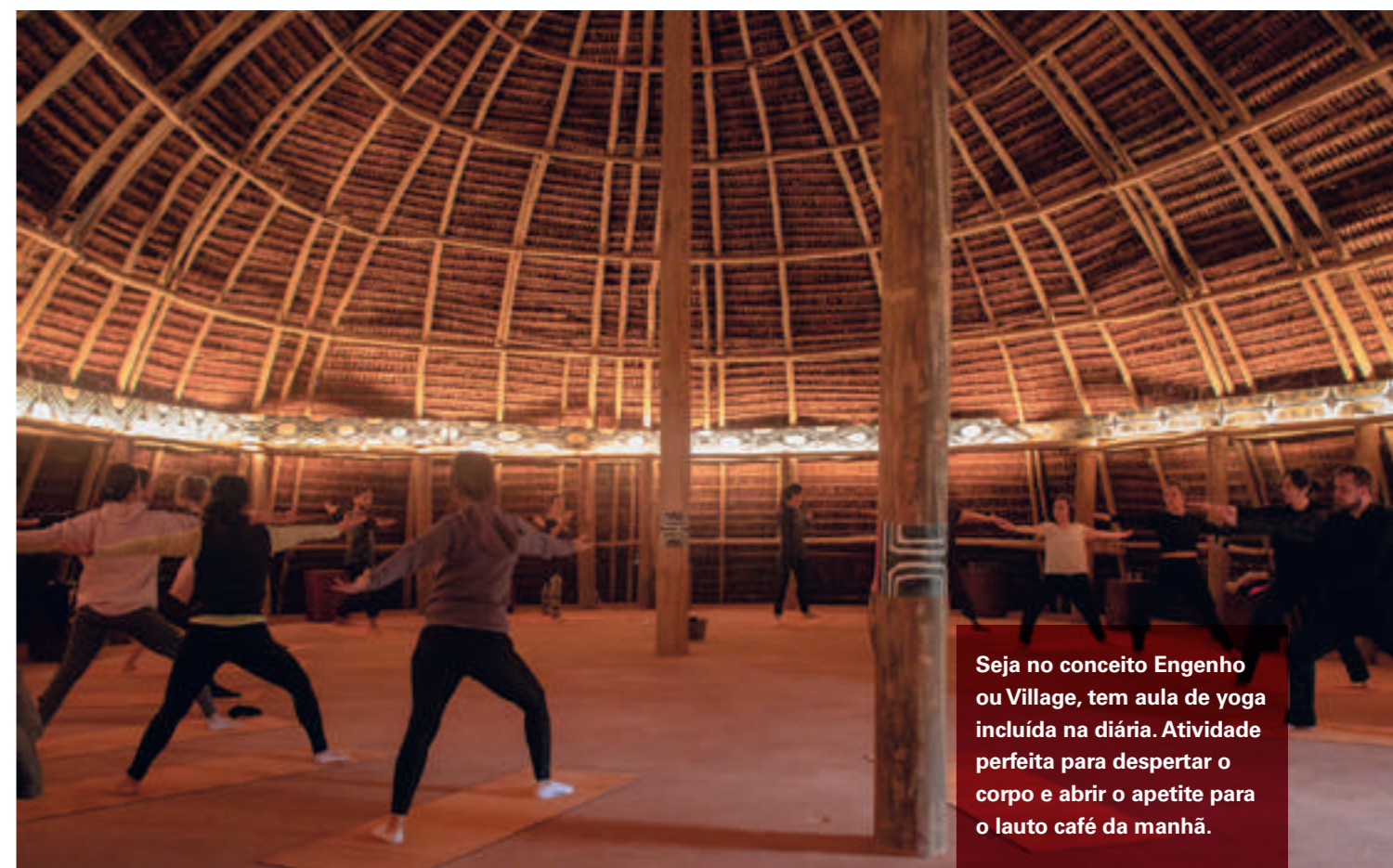
O Lago Negro é poliesportivo! Nas areias, joga-se frescobol e tem *slackline*. Nas águas, você pode remar, nadar, praticar *stand up paddle* e saltar de trampolim. Na margem, desfrutar do clássico *Sunset* com música ao vivo.



Há sempre *beach tennis* ou vôlei na quadra do Village. Os times são formados na hora, quem chegar atrasado pode entrar e a diversão é garantida. O jogo integra, sem cerimônia, os hóspedes à equipe. Na quadra, rola também futebol e *badminton*. É só chegar.



Em uma piscina aquecida no Spa Village (Mogol), você se delicia com *watsu*®, um método de hidroterapia, e se diverte na aula de *woga*® (yoga na água). Caso prefira massagens, tanto o Village como o Engenho oferecem atraente menu de opções.



Seja no conceito Engenho ou Village, tem aula de yoga incluída na diária. Atividade perfeita para despertar o corpo e abrir o apetite para o lauto café da manhã.

Em noite de céu limpo, Diego Gonçalves, guia de astroturismo e apaixonado por Astronomia, leva um telescópio de 8 polegadas até um ponto bem alto. A turma sobe de madrugada, observa as constelações e ouve histórias sobre os astros.



Há muitos mirantes na área do Ibiti. Alguns com balanço, outros com bancos ou rancho sombreado, e alguns até com estrutura para memoráveis almoços.



Na região, mais de 300 espécies de aves já foram catalogadas, incluindo o surucuá-variado. *Birdwatching* é um programa a ser combinado com um guia.



Inúmeros são os caminhos, trilhas e circuitos bacanas para você percorrer a pé, de bike ou a cavalo. Veja nas próximas páginas.





ROTEIROS A PARTIR DO MOGOL VILLAGE

Circuito clássico

Mogol e Circuito das Águas

Chapadão, Chapadinho e Gruta da Água Santa

Boa Vista e Projeto Asas

ROTEIROS A PARTIR DO ENGENHO

Circuito das Águas do Engenho e Estátuas

Circuito Pedra do Gavião

ROTEIROS A PARTIR DO MOGOL OU ENGENHO

Andorinhão, Lago Negro e Muriqui House

Descida do Cânion das Andorinhas

Parque Estadual do Ibitipoca



CURTA OS CIRCUITOS

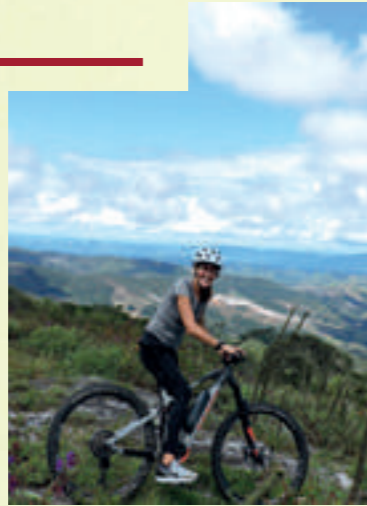
Águas, terra, mata e ar,
para você fluir da
contemplação à diversão

Matas repletas de bromélias e orquídeas, árvores centenárias, quedas d'água cor de ferrugem, majestosos tapetes de areia, lagos, cavernas, planaltos áridos com vista para um horizonte de montanhas e instalações artísticas... Os panoramas do Ibiti Projeto mesclam lirismo e aventura, convidam ao esporte e à contemplação – e fascinam pessoas de todas as idades. Ao unir paisagens distintas, Mata Atlântica e campos rupestres, a região concentra ampla biodiversidade, a ser apreciada em roteiros que permeiam boa parte de nossos 6 mil hectares de área. Ao todo, são cerca de 100 km de caminhos, que serpenteiam as montanhas, atravessam vales, margeiam rios e uma inesquecível instalação artística. Com, no máximo, 8% de inclinação, esse tipo de trilha torna mais agradável a caminhada, respeita a natureza do relevo e facilita a chegada de ajuda, em caso de emergência.

Escolha seu roteiro, combine com um guia e siga as orientações. Sem perder o foco na preservação, incentivamos passeios a pé, de bicicleta ou a cavalo – reservando a opção do carro a quem realmente tiver dificuldade de locomoção. Vale lembrar que temos bikes e motos elétricas; e bikes adaptadas para rebocar um carrinho para criança.

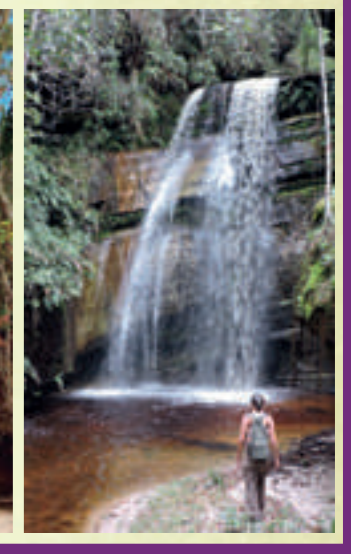
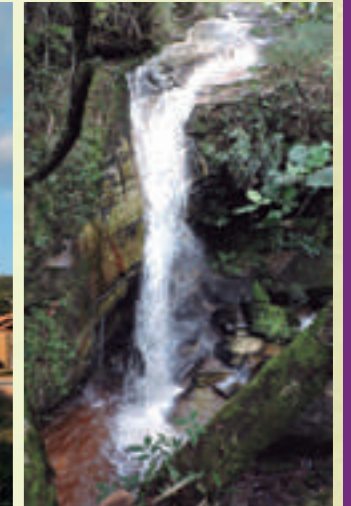
Circuito clássico

Para conhecer os atrativos mais idolatrados do Ibiti Projeto, nada como iniciar a estadia com esse circuito que envolve o respeitável Lago Negro, a emocionante Muriqui House, as Estátuas e o Garnet (um dos nossos morros mais altos, onde fica um rancho e balanços com ampla vista). Se o seu ponto de partida é o Mogol, ainda passa pelo Engenho (casa em frente ao lago). Caso esteja hospedado no Engenho, a novidade será conhecer o Mogol (pg. ao lado). Curtindo sem pressa cada etapa, esse circuito rende um belíssimo dia, com o prazer de entrar na água, apreciar belas paisagens e sentir o impacto de circular entre as gigantescas figuras feitas de metais reciclados. Sem falar do que pode nos surpreender no caminho... Ah, vale ressaltar que parte do trajeto Mogol-Engenho está asfaltado, o que facilita ainda mais quem opta pela bike elétrica.



Mogol e Circuito das Águas

O povoado do Mogol ficou décadas congelado no tempo e agora pulsa com as mudanças trazidas pelo Ibiti Projeto. Ali temos o conceito Village de hospedagem, o restaurante vegetariano Yucca, a Venda (onde fica o Gaia Café e o Spa Village), a Oca e a Tenda Comuniversidade. Caminhar pela vila é um passeio tranquilo e aprazível. Nas redondezas, se faz a pé ou de bike o Circuito das Águas do Mogol. É uma sequência de cachoeiras (Cipó, Serrinha, Palmito e Pamônã) escondidas nas matas. Quem opta por essa caminhada pode encomendar um piquenique ou mesmo almoço à beira do Pamônã, um laguinho com borda infinita. Os caminhos são bem sinalizados, mas é sempre bom contar com um guia. Um trajeto mais curto e plano é a caminhada para a Candonga, que passa por refrescante queda d'água.



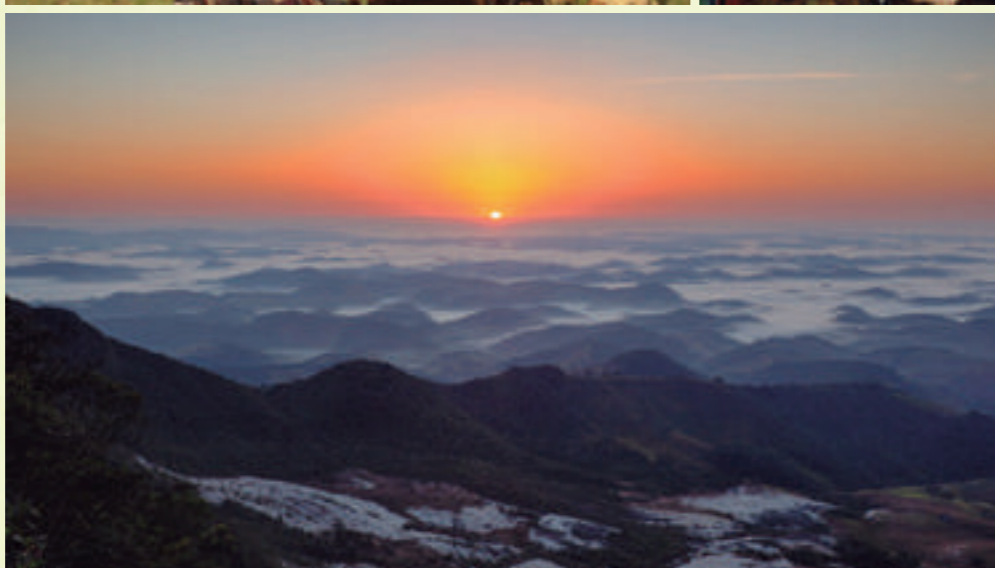
Chapadão, Chapadinho e Gruta da Água Santa

Acima da vila do Mogol há caminhos para a Gruta da Água Santa, Chapadão e Chapadinho. Os dois, no alto da montanha, oferecem vistas incríveis para apreciar nascer ou pôr do sol. Há lago e estrutura para servir refeições.



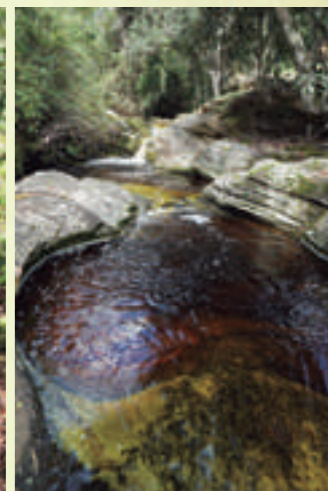
Boa Vista, Projeto Asas e Areião

Distante 13 km do Mogol, por estradas sinuosas emolduradas por reconfortantes paisagens, fica uma antiga fazenda, a Boa Vista. Nessa sede, restaurada e decorada à moda antiga, pode ser servido um almoço caseiro. Depois, tem banho de cachoeira e descanso na rede. O passeio inclui visita aos viveiros do projeto ASAS, onde animais resgatados (pelo IBAMA ou outras organizações) se recuperam em local protegido para depois serem postos em liberdade. Dali você pode seguir até o Areião, onde há uma trilha na mata que leva à divisa com o Parque do Ibitipoca (e ao cenário da foto ao lado).



Circuito das Águas do Engenho e Estátuas

Caminhada pela mata margeando o Rio do Salto, que desce do Parque Estadual do Ibitipoca. Ao longo do percurso de 8,4 km, há vários pontos para um refresco: Concha Dourada, Cachoeiras do Engenho, do Gritador e da Lage, além de piscinas naturais de águas avermelhadas (uma característica da região). A impressionante "família" de metal reciclado, criada pela artista Karen Cusolito, arremata o roteiro: andar entre as estátuas é um momento mágico. O conjunto das sete figuras, que chegam a 6 toneladas e 9 metros de altura, forma o palco de eventos vibrantes, como o Muriqui Sounds, que tudo alegra com sua música, dança e apresentações artísticas.



Circuito Pedra do Gavião

A proposta é andar por trilhas bem cuidadas pela mata fechada, encarar trechos de pedras, vencer subidas íngremes e atravessar riachos. O destino é o topo da Pedra do Gavião, a cerca de 1.500 metros de altitude e com vista para o Parque Estadual do Ibitipoca, o Engenho Lodge, vales, cachoeiras e montanhas. O percurso perpassa atrativos que pedem uma pausa para contemplação, como a lendária Árvore dos Sete Cavaleiros, o Jardim das Bromélias e o Garnet, um platô situado a 1470 metros de altura. Ali, um rancho oferece um descanso (além de bebidas e comidinhas) e dois balanços convidam ao deleite de sentir o vento enquanto os olhos se perdem na paisagem.



Descida do Cânion das Andorinhas

A fartura de águas em tons amarelo-avermelhados é um dos nossos encantos. Em alguns pontos, elas formam plácidas piscinas; em outros, fortes corredeiras. No embalo, dessa diversidade natural, criamos um programa gostoso para aventureiros de todas as idades: a descida pelo rio. A divertida aventura começa com uma caminhada pelo leito do Rio do Salto, dentro do Cânion das Andorinhas. Todos descem equipados com roupa de neoprene, capacete e colete salva-vidas, pois há momentos de flutuação, nado e passagem por uma caverna submersa. O percurso chega a levar até três horas e, dependendo da força da correnteza e do limo nas pedras, pode ser bem desafiador.



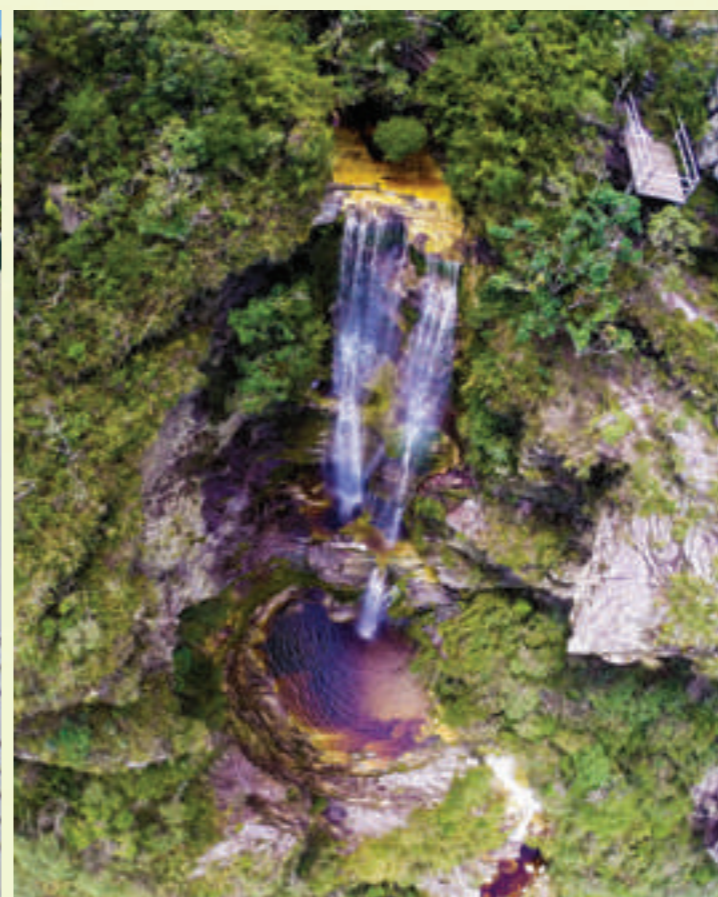
Andorinhão, Lago Negro e Muriqui House

A Gruta dos Andorinhões, com aproximadamente 30 metros de extensão e iluminada por uma grande fenda, é um verdadeiro santuário, com queda d'água e prainha de areia fina. Em outubro e novembro, época em que os pássaros a usam como dormitório, a visitação é proibida, mas ainda assim é possível assistir, ao pôr do sol, o espetáculo da entrada vertiginosa dos andorinhões na gruta. O passeio inclui caminhada ao Lago Negro, para contemplação, meditação, yoga, banho, pulo de trampolim ou uso de *stand up paddle*; e visita à Tumba, uma obra de arte. Quem se interessa por construção sustentável deve ver o banheiro seco, em uma margem do lago. Para conhecer a Muriqui House, pede-se a colaboração de 300 reais por pessoa (um apoio para viabilizar o trabalho). Vale cada centavo poder observar esse que é o maior primata das Américas e ouvir as histórias contadas por biólogos e outros especialistas do MIB.



Parque Estadual do Ibitipoca

Distante 27 km do Mogol Village, o Parque Estadual do Ibitipoca apresenta singularidades que merecem a visita. Ali penhascos circundam trechos do rio, há rochas cobertas de flores silvestres, paredões vertiginosos, pontes naturais, cavernas, mirantes e dezenas de quedas d'água. Bem sinalizado e com trilhas seguras, oferece vários pontos de atração: Cachoeira dos Macacos, Gruta dos Coelho, Lago das Miragens, Lago dos Espelhos, Ponte de Pedra, Pico do Peão e a famosa Janela do Céu. Entre os circuitos, o das Águas é o mais curto; e rende em torno de duas horas de caminhada. Uma curiosidade: a região de Ibitipoca é uma das terras mais ricas do mundo em quartzito, minério branco que é grande condutor de eletricidade. A incidência de raios é, pois, intensa. Por outro lado, os belos tapetes de areia presentes no parque e no Ibiti Projeto são resultado da fragmentação deste minério.



m
e
s
t
r
a

No vilarejo do Mogol, uma escola recebe as crianças da região e se abre para o mundo. Conheça a Life School

n
a
t
u
r
e
z
a

Um pássaro colhe gravetos para construir o ninho. A trilha de formigas abre caminhos na terra. De um pequeno buraco na árvore, saem abelhas sem ferrão. Uma borboleta luta para deixar o casulo. Há tantos mundos, tanta vida ao nosso redor! Basta aticar o interesse pelos inúmeros caminhos de conhecimento. Nos 6 mil hectares do Ibiti Projeto, cada inseto, flor, folha, pedra, árvore, pássaro é um professor. “Gosto daqui porque as ruas são largas”, comenta Matias, menino que circula com desenvoltura entre a cidade grande e o vilarejo do Mogol. Mais do que largas, elas alargam, ampliam o olhar de quem observa o solo, descansa os olhos no horizonte e viaja na dança das nuvens ou no insondável céu estrelado. Matias é um dos alunos da Life School, criada pelo Ibiti Projeto para atender os filhos de moradores da região. Com uma proposta pedagógica antenada com as demandas do século 21, essa escola no Mogol promete se tornar referência em educação para a vida. Logo na entrada da casa ampla, com janelas abertas para a paisagem e generoso pátio interno, já percebemos isso: o visitante é convidado a tirar os sapatos, falar sem gritar, estar atento a ouvir os outros e prezar a paz. Assim como essa orientação se apresenta no hall, outras palavras são ditas pela

própria organização do espaço, que zela pelo cuidado coletivo de cada objeto. Estimulados a descobrir seus interesses, seus potenciais e a exercitar a curiosidade científica, os alunos estão constantemente trilhando divertidos caminhos de aprendizagem. Muitas vezes são orientados por especialistas da nossa própria equipe, que gostam de ensinar e são chamados aqui de “inspiradores”. Tziu é um exemplo de “fazedor de encantos”. Arquiteto de formação, é apaixonado pela vida, pelo movimento, por dar formas a ideias. Agilizar uma oficina de pintura, um programa de tevê “ao vivo”, como a Life School Network, ou improvisar um jogo de bola na areia é com ele mesmo. Para mexer na terra e saborear informações sobre alimentos, Janice, agrônoma da Gaia, fala sobre métodos de irrigação, produção e colheita. Com Raquel, diretora administrativa do Ibiti Projeto, eles recebem noções de empreendedorismo e de educação financeira. Depois o que foi apreendido (e, assim, aprendido) é costurado pedagogicamente, de forma a seguir o rumo definido pela educação formal de cada faixa etária. Uma das aulas mais especiais é na Muriqui House: em fila, andando em silêncio, a turma observa a mata onde vivem os muriquis, esperando que



um deles apareça. Depois, no centro de recepção do MIB, podem conversar com os biólogos ou outros especialistas. Quando o casal de antas chegou, os alunos também puderam ver os animais de perto, se alimentando de frutas e folhas, – e se fascinaram com seu porte de mais de 300 kg. Ocorre também de os bichos chegarem à sala de aula, como no dia em que a bióloga Geovana Onorato apresentou uma cobra-cega, levando a turminha a circundá-la de perguntas. Descobriram que se trata de um anfíbio, também chamada de cecília, é escorregadia e a fêmea alimenta os filhotes com a própria pele. “É o tipo de aprendizado que faz sentido, que fixa na memória. É o aprendizado de que gostamos”, comenta a bióloga. Na Life School em particular e no Ibiti Projeto como um todo, a educação ambiental perpassa o dia a dia, pois seguimos um princípio prático: a gente protege o que a gente conhece. Queremos que tanto o aluno como o visitante ou empreendedor conheçam o máximo, visto que há muito a se proteger aqui! Um exemplo são as placas identificadoras da flora, presentes em vários locais. Cada árvore é uma miniusina de oxigênio, é morada de dezenas de animais e está conectada ao solo e a todo o ambiente. Para o aluno, saber as características e importância de uma espécie é como ganhar um amigo: a árvore passa a ter nome, história, um papel naquele ecossistema. “A educação ambiental restabelece a conexão da criança com a natureza; é uma faísca que desperta o cuidado com a Terra, não apenas do ponto de vista ecológico, mas também econômico, político, social e ético”, diz Lane Machado, coordenadora da Life School e do Ibiti Camp. A ideia deste “acampamento” foi inspirada pelo encanto que as atividades para crianças e jovens do Ibiti Projeto despertam nos hóspedes. “O programa tem a intenção de fortalecer a relação entre o ser humano e a natureza, cultivar valores de liberdade, cidadania, solidariedade e ética, inspirar atitudes positivas e educar sobre a importância de cuidar do meio ambiente”, explica Lane.

Atividade artística, horticultura e muita brincadeira ao ar livre





Antas e Muriquis, as turmas do primeiro Ibiti Camp, em 2023

VIVA

A LIBERDADE

Ver um muriqui de perto, andar à noite pelo vilarejo, subir uma montanha de madrugada para curtir o alvorecer... No Ibiti Projeto, os pequenos e os jovens são muito bem-vindos!

Quem aqui chega, atravessa um portal, onde tempo e espaço se unem abrindo alas à liberdade do brincar. Em 6 mil hectares de pura natureza, a diversão e a convivência podem se expandir por vários dias, seja em companhia dos pais ou entre meninos da mesma faixa etária. Se o desejo é um roteiro de aventura, nossos guias encantam com as possibilidades de trajetos; se a energia da turma for inventar moda, logo surge uma caça ao tesouro ou uma excursão a um lago ou gruta. Choveu? Bora brincar na lama! Deu preguiça, que tal agendar um filme no Cine Mazzaropi ou uma sessão de watsu® na piscina aquecida do Spa Village? As atividades para crianças e jovens têm sido tão gostosas que em 2023 criamos um acampamento na Oca, o Ibiti Camp. Um programa bacana para suprir o agora chamado TDN, Transtorno de Deficit de Natureza. Veja esse e outros atrativos do Ibiti Projeto.



Apresentação musical



Maria, moradora do Mogol, se diverte na natureza



Uma mini construção ecológica

ALEGRIA PARA PEQUENOS

Nos três conceitos de hospedagem, a experiência para a criança tende a ser memorável. Com a tranquilidade de estar em local seguro, ela vive a natureza: anda sozinha pelo vilarejo do Mogol, brinca na terra, toma chuva, corre livremente. Às vezes dá para sentir o deslumbramento dos pais vendo o filho descobrir as maravilhas “da roça”: A roda d’água girando o moinho, um tomateiro repleto de frutas, um passarinho perseguindo um gavião... A criança vive o aqui-agora, o mundo real do presente (que é um presente!) e deixa sua curiosidade fluir. Os pequenos ainda podem participar de atividades programadas. No Ibiti Village, já promovemos oficina de circo com a *Companhia Lá na Lona*, partida de *beach tennis*, yoga divertida ao ar livre, contação de histórias com o grupo Trupicada, oficina de permacultura...



Beach tennis e outros jogos animam a estadia de jovens e adultos



Fachado do Clubinho, um espaço de brincar

ALVORECER NO CHAPADÃO

A aventura começa saindo de madrugada do Mogol. O grupo sobe, acompanhado de um guia, até o topo de um morro, o Chapadão. Ao amanhecer, tem yoga e é servido um lanche no quiosque na beira do lago. Quem quiser volta para tomar café no Yucca. Ou agenda algo personalizado, como piquenique na mata com música ao vivo. O percurso de 16 km (ida e volta) pode ser feito a pé, a cavalo, de bike ou veículo elétrico. E pode incluir caminhada ao Chapadinho, ali perto do Chapadão, e outros atrativos no caminho, como a Gruta da Água Santa. Seja qual for o roteiro, é certo que assistir à luz banhando de cores o mar de montanhas é sempre mágico.

AMIZADE EQUINA

Juntar criança e cavalo costuma ser sucesso: a bondade, elegância e força dos equinos transmite respeito, gratidão e nos ensina a ter limites. Os benefícios da equitação a tornaram uma atividade educativa e terapêutica. É com essa abordagem que Igor Sulex criou o redondel (uma área de 15 m² cercada no Haras Ibiti Horses) para a criança montar com segurança. A ideia surgiu quando ele se impressionou com o sobrinho dando uma volta a cavalo: “Parece que desbloqueia a retração do autismo”.

SABOR EM CADA SENTIDO

Muitas são as possíveis atividades lúdicas voltadas aos jovens hóspedes. Mas nossa atenção também é dedicada aos estudantes de comunidades vizinhas. Há anos mantemos parceria com escolas públicas e particulares. Alunos participam de palestras e vivências na Tenda ou na Oca e visitam locais como a Muriqui House. “Tive a oportunidade de acompanhar visitantes e perceber a alegria que sentem ao ver um bicho com a potência do muriqui! As crianças, especialmente, ficam encantadas com os saltos que são capazes de dar. Esse contato, esse aprendizado desde cedo, é um trabalho de formiguinha, que mostra o quanto os muriquis são incríveis e precisam da nossa ajuda para vencer o risco de extinção”, avalia Clariane Maranhão. A bióloga ouviu falar do muriqui pela primeira vez somente quando estava na faculdade e hoje é grande defensora: “É uma espécie carismática, amável, pacífica, tem muito a nos ensinar.” Outra visita que instiga os pequenos é ao Centro de Produção Gaia. Para muita criança, tocar o solo, observar joaninhas e minhocas, reparar no canto dos pássaros, colher um maço de brócolis, perceber a diferença entre a couve e a mostarda, sentir a doçura de um morango orgânico... Isso tudo pode ser uma deliciosa e inesquecível experiência. Atiçar o olfato, ampliar a visão e a audição, se ater ao tato, explorar o paladar: uma simples horta expande nossos sentidos.



IBITI CAMP

No final de 2023, 17 adolescentes passaram vários dias juntos: dormiram na Oca e criaram duas equipes, Antas e Muriquis. Teve quiz sobre fauna e flora local, beach tennis, futevôlei, desafio da melhor pizza, a salada mais criativa, karaoke, observação de astros, festa nas Estátuas, luau com fogueira e roda de violão.

CLUBINHO

Ao lado da Life School, uma casa de madeira abriga um gostoso cantinho para crianças pequenas, com livros, brinquedos, almofadas e objetos coloridos. Ali, os pais também podem brincar, contar histórias e curtir o encanto da infância.

OLHE PARA CIMA

Em noite de céu limpo, com boas condições atmosféricas, e, de preferência, no horário em que dá para ver os anéis de Saturno e as luas de Júpiter, Diego, guia de astroturismo, leva um telescópio até um ponto bem alto; a turma sobe de madrugada e é recebida com lareira e chocolate quente. Diego usa um feixe de laser para indicar as constelações e conta histórias.



O Lago Negro é o point dos esportes e também do já clássico Sunset, com música ao vivo

Tempo de plantar

Generosidade, compaixão, desapego, coragem e outros valores são sementes para quem busca bem viver a vida

“Dispomos de mais opções do que nunca, porém perdemos a habilidade de realmente prestar atenção no que escolhemos”, escreveu Yuval Noah Harari. O historiador e filósofo retrata com crueza a enevoada realidade do homem ocidental. Outras luzes, entretanto, se acendem há séculos pelas bandas do Oriente. No Butão, pequeno país asiático, “ser” vale mais que “ter”; e nessa balança quem ganha é o índice de felicidade *per capita*. Quem tem a sorte de conhecer esse povo sorridente entende que adquirir boas experiências e conhecimentos vale muito mais que acumular bens de consumo.

© BORBOLETAS DE MANACÁ, ACRÍLICA SOBRE TELA, DE TATIANA CLAUZET





Desde 1972, o Butão adota oficialmente o índice de Felicidade Interna Bruta (FIB) e segue quatro diretrizes: desenvolvimento econômico sustentável, preservação da cultura, conservação do meio ambiente e boa governança. O Ibiti Projeto segue a mesma bússola. Busca-se, no ritmo diário dos afazeres que mantêm nossas ações acontecendo, propiciar que cada um esteja feliz consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Temos um programa nessa linha, o Ibiti Mais Feliz, baseado na psicologia positiva e no método Wholebeing, coordenado desde 2019 por Henrique Bueno, especialista em Ciência da Felicidade. E ao longo do ano proporcionamos eventos temáticos que perpassam o tema, como o Encontro de Estoicismo, ocorrido em 2023, conduzido por Luiz Felipe D'Ávila. "Em tempos de pressa e instantaneidade, agnosticismo e angústia, intolerância e radicalismo, é crescente a busca por 'causas' para preencher o vazio interno da alma", disse Yuval Harari.

Neste encontro na Tenda Comuniversidade, no Mogol Village, ouvimos os gregos antigos em busca de respostas para esse "vazio da alma". Segundo os estoicos, entre as qualidades essenciais para se agir com retidão e justiça – e assim alcançar a felicidade – estão sabedoria, desapego, simplicidade, moderação, coragem, virtude, compaixão. Valores que ajudam a encontrar serenidade e paz em meio às adversidades da vida; e que se mostram em consonância com inúmeras vozes mais recentes, de Lennon ao Dalai Lama, de Van Gogh a Wangari Maathai, de Krenak a Rita Lee. Em consonância também com as sugestões que damos aos

visitantes: sorver os pequenos prazeres do dia.

A origem etimológica de felicidade é "felix" – termo associado a fértil, frutífero, produtivo –, que tem sua raiz no proto-indo-europeu "dhe" (amamentar). Ou seja, a palavra está mais relacionada ao ato de dar do que receber. O interessante é que muitas das respostas da enquête realizada junto aos empreendedores do Ibiti Projeto apontam esse caminho! Felicidade em agradecer, cuidar, receber bem. E principalmente partilhar a felicidade: se sentir feliz por ver pessoas se sentindo bem; pois tristeza se divide, enquanto alegria se soma. Visitantes e hóspedes costumam agradecer a oportunidade de se conectar com o que realmente importa. "Nunca somos encorajados a mirar os intervalos, a focar nas pausas, a reparar no silêncio, a meditar sobre o grande vazio que tudo permeia e onde toda a magia acontece. Na dança da vida, o milagre está no nada", escreveu um hóspede da Humboldt, casa do Village que é um luxo. Um luxo vestido de simplicidade.

"Visamos à desconstrução da associação entre consumo e felicidade", diz Raquel Pazos, diretora administrativa. "No início, causa espanto abrir mão de prazeres arraigados, mas a descoberta de outros valores como o *wellness* pode provocar uma mudança de paradigmas!" O termo, criado nos anos 1970, integra aspectos da saúde (mental, social, emocional, espiritual e física), expandindo o potencial para uma vida mais plena, mais saudável e ancorada no presente, no aqui-agora.

Aveso à correria dos tempos modernos, o cronista mineiro Rubem Alves gostava de dizer que prazer requer tempo: "Quando a gente fala que está ganhando tempo, estamos, na verdade, estragando tempo... A vida é perdida no sentido de que vamos morrer, mas até lá é um desafio, uma aventura, e está cheia de uma coisa maravilhosa que se chama alegria", escreveu o autor de *Palavras para Desatar Nós*. "Fomos criados para a felicidade", dizia, mas é preciso prestar atenção, porque ela, em geral, não vem em coisas grandes.

O escritor Guimarães Rosa, homenageado em uma das hospedagens do Village, atentava para o mesmo cuidado: "Felicidade se acha é em horinhas de descuido". Pois o tempo no Ibiti Projeto se alarga nessas horinhas. Sentimos aqui um constante convite a desacelerar, a adentrar no ritmo manso da roça, mergulhar nessa atmosfera tranquila, a usufruir o prazer do presente e celebrar a vida!

As crianças, quando chegam, espelham no brilho dos olhos e na curiosidade da pele essa atmosfera de conexão. E correm para sentir o solo e molhar os pés em águas de pura alegria, deixando a felicidade se instalar.



MEMENTO MORI

Pensar na morte é um dos segredos dos butaneses para valorizar a vida.

Na cultura deste reino encravado no Himalaia, há diversas representações da morte e mesmo as crianças estão acostumadas com o tema. Algo muito semelhante ao alerta dos estoicos:

Memento mori (lembre-se da morte, em latim). Sêneca (4 a. C. - 65), estoico romano, enfatizava que o mundo é dual (alegria, tristeza; calor, frio; vida, morte) e a consciência nasce pelo contraste. Por isso, pensar na morte é nos lembrar de viver bem a vida. Do clássico *Sociedade dos Poetas Mortos*, filme de 1989, recebemos o ensinamento: "*Carpe diem*. Aproveitem o dia, rapazes. Façam sua vida extraordinária".

O que é felicidade?

Perguntamos aos nossos empreendedores, amigos e parceiros sobre um tema recorrente nesta revista e no dia a dia do Ibiti Projeto

“A vida, a meu ver, é polarizada entre a prosa – as coisas que fazemos por obrigação. E a poesia – o que nos faz florescer, amar, comunicar. E é isso que é importante. O que se pode é tentar favorecer tudo que permita a cada um viver poeticamente sua vida. Se você vive poeticamente você encontra momentos de felicidade, de êxtase, de alegria.”

Edgar Morin, sociólogo francês



Tudo é felicidade. Poder ter liberdade para fazer suas escolhas, ter uma família e fazer o que gosta.
Juninho

É se sentir útil. Simples assim.
Lucas Soares

Eu me sinto feliz ao participar de ações que fazem as outras pessoas felizes. E gosto quando minha felicidade contagia os outros.
Cecília Varanda



Estar bem consigo mesmo e com os outros.
Raquel Pazos

Hoje felicidade para mim é ver meus filhos com saúde e felizes. Mas tirando o clichê de mãe: felicidade para mim é conseguir alcançar as minhas metas.

Kelly Lima

Viver ao lado de pessoas que amamos, fazer coisas que gostamos e não se importar com problemas de amanhã!
Piero



Eu me sinto feliz. Você tem de estar bem com você mesmo para ser feliz nas coisas que faz. Não é só aqui, é na minha casa, nos lugares onde vou. Gosto de levar alegria e voltar com ela.
Diana Clemente

Sentir que a família e os amigos estão bem e felizes.
Gabriela, a Gabi

Fazer obras. E quando consigo resolver os problemas que aparecem.
Régis



São momentos em que você está pleno, apesar de contratempos ou situações adversas. É um caminho, um processo, nunca o final. Valorizo os momentos felizes, sem buscar a felicidade. Se precisar de tudo perfeito para ser feliz, nunca será.
Luanny Gonçalves

Sou muito feliz, tudo que pedi a Deus eu consegui. Trabalho fazendo o que gosto, proporcionando coisas boas às pessoas.
Igor Sulex



Estar em paz, fazer o bem. É um tema amplo, mas felicidade é paz.
Priscila Pereira, a Pri

Felicidade plena não existe: a vida é ying-yang. Mas sou ativo: estar em movimento, ter desafios, assumir uma nova função, me deixam feliz.

Tziu

Estar bem, com saúde, ao lado das pessoas que a gente ama. No trabalho, traz felicidade a troca de conhecimentos com colegas e hóspedes.
Gustavo Carelli



Ter tempo se tornou um momento de felicidade. Trabalho, estudo, percebo o privilégio que é poder respirar entre uma tarefa e outra. Mas sentir-se realizado no final do dia também é felicidade.
Flavia Calazans, a Flavinha

Tudo é felicidade: família, trabalho, saúde. Ter comida na mesa, água na torneira, abraço das minhas crianças. Felicidade está em simples gestos. De graça.
Edelson Augusto



Felicidade é andar de bicicleta todo dia no Ibiti Projeto.
Miguelzinho

É a experiência de emoções positivas combinada à percepção de que sua vida é boa. Felicidade é maturidade, aceitar seus defeitos, saber conviver com seus lutos e dores, mas sem se deixar guiar pelo piloto automático.
Henrique Bueno

É viver o momento presente e apreciar tudo que envolva aquele instante. Quem permite essa vivência com plenitude é você mesmo, pois a mente pode ser sua maior amiga ou pior inimiga. Felicidade está relacionada à consciência: basta mudar a perspectiva da mente e virar a chave do conhecimento do Eu.
Luca Barino



É ter a certeza de que estou no lugar certo, fazendo o que me cabe fazer, cuidando dos reinos da natureza da melhor maneira que posso e reafirmando minha conexão com a Divindade o tempo todo.
Rosana Pessoa, a Habiba

Ver as pessoas que trabalham em volta da gente feliz. Fazer as coisas com vontade, com prazer, é muito melhor.
Maria do Carmo Borges, a Mariinha

Se sentir livre, vivenciar cada dia, estar perto de quem se ama e, principalmente, se amar.
José, da Gaia

Sou feliz em qualquer momento, gosto de passar essa alegria para os outros.
Vanessa Oliveira



“Felicidade se encontra em horinhas de descuido.” Misturo essa definição do Guimarães Rosa com a Psicologia Positiva, que te ensina a apreciar essas horinhas.
Cláudia Baumgratz

Estar bem com todo mundo. É não precisar ter muito, porque a felicidade está nos detalhes, nos gestos.
Janaína Oliveira

Estar bem com meu espírito, minhas decisões, poder ajudar as pessoas. Se você está bem, transmite alegria e paz para os outros.
Dani D.F.S.

Viver bem, em equilíbrio profissional e pessoal, ter tempo para cuidar de mim. Sou muito família: se meus pais estão bem, estou bem também.
Tatiane Alves, a Tati



É ter saúde para ir ao trabalho e alcançar os meus objetivos. Ser feliz não é viver apenas momentos de alegria. É ter coragem de enfrentar os momentos de tristeza e sabedoria para transformar os problemas em aprendizado. Faça mais aquilo que te faz feliz.
Bruno Reis, o Bruninho

Já nasci feliz. Quando pensa e faz coisas boas aos outros, a gente sente que é ajudado. Gosto de estar com as pessoas, aprender com os hóspedes, explicar o Ibiti Projeto, me sentir fazendo parte de tudo isso.
Tio Aroldo

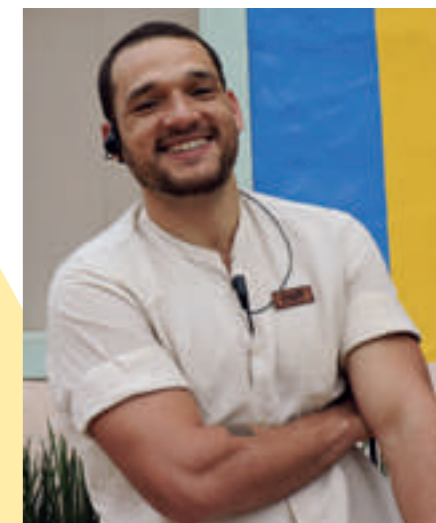
É valorizar as pequenas coisas e os bons momentos com pessoas que amamos. Gandhi disse que não existe caminho para a felicidade, ela é o caminho. Então bora aproveitar tudo de bom que a vida oferece.
Filipe Almeida



Felicidade é a gente fazer o que gosta e com perfeição. Eu não tenho medo de serviço, tenho uma boa relação com todo mundo. Acho que quando você faz coisas boas, o universo te devolve.
Thiago de Martin

Acredito que é uma jornada pessoal, na qual cada um trilha seu caminho. Envolve autoconhecimento, autoaceitação, busca de significado e propósito, construção de relacionamentos saudáveis e cuidado com meu bem-estar físico e mental.
Stéphane Almeida

Para mim é o desafio de fazer com que o hóspede saia mais encantado com nosso serviço do que com a beleza lá fora.
Marília Souza



Aqui, a felicidade não é somente uma palavra, é um estado de espírito que contagia a todos que nos visitam! Acredito que a felicidade esteja na conexão com a natureza, no compartilhamento das atitudes boas e dos sorrisos sinceros, e em estar perto de quem amo e admiro. Aqui em Mogol aprendi a ser mais feliz.
Luan Cosme da Silva Gomes de Oliveira

A condição sine qua non é ter paz. E não é fácil ter paz. Temos conflitos internos e outros totalmente externos, como a guerra. Além da sensação de vulnerabilidade aos fenômenos como finitude.
Beto Nardelli

Estar com minha família e meus amigos.
Larissa Costa Cunha



Muita gente diz que é ter dinheiro e carro do ano. Mas para mim é a boa convivência com o pessoal.
Nilo do Mogol

Sou feliz porque faço o que gosto. Aqui tenho os melhores amigos – que não são poucos! Não tem como a gente não ser feliz. Esse lugar é uma tranquilidade imensa, a paz reina aqui.

Itamar

Se você está bem, cada dia é uma luta, mas com felicidade no coração.

Gislaine Rosa

Felicidade é a união de pessoas com o lugar. Você pode ficar sozinho e feliz, mas para mim essa combinação dá certo.

John Lennon



Felicidade não é só naquele momento que dá risada. É no dia a dia, quando a gente faz o que gosta. E quando a gente lembra o que passou.
Jeferson Paula, o Jefinho

É ter saúde, poder trabalhar, poder ficar com a família e com amigos; e quando eu consigo ajudar o próximo. O melhor é quando consigo fazer alguém feliz.

Dona Maria

É fazer o que você gosta, estar rodeado de pessoas com quem se sente à vontade, trabalhar em um ambiente agradável, onde sinta prazer de trabalhar; e gozar de boa saúde.

Carlinho do Agenor

Estar bem e com saúde. O resto tudo vira festa!

Janaína



É estar num ambiente legal, com companheirismo; trabalhar com dedicação e prazer. Se você é feliz e faz o outro feliz, completa a felicidade.
Dil

É acordar todos os dias e saber que eu e minha família estamos bem, mesmo com tanta reviravolta que o mundo tá tendo. E ver que todos ainda têm o mesmo sorriso.

Fabíola

É estar tranquilo e viver de acordo com seus princípios. Levar a vida com leveza, sentir amor pelo seu trabalho, sua casa, pelas pessoas do seu convívio diário. É se sentir acolhido em todos os momentos e ambientes.

Duanny Nery

Felicidade é se dar conta que dá (pra ser feliz).

Lane



É ser grato pelo que se é e fazer seu melhor onde você está.
Janice

É quando amanheço com saúde. Agradeço a Deus.

Cláudio Pinta Roxo

É um processo intermitente e incansável de busca pelo prazer, travestida de alegria; não está em coisas, não é grande, e não faz parte do futuro. Desejada além da conta, está no presente e passa despercebida quando chega. Esse trem é tão doido que até parece uma ilusão, singeleza do universo. Sensação boa, mas breve, esquenta o peito, mas esfria em seguida com a realidade do dia a dia!

Mateus Abdo

Eu me considero feliz. Sempre na paz com os outros.

Romildo



Para mim é um desafio diário na busca da sua melhor versão, se cercando de bons relacionamentos com as pessoas e o mundo ao seu redor.
Hugo Cambraia

Hoje pra mim é liberdade e oportunidade. E o Ibiti é um rio que passa, transformando vidas!

Isabel Pequeno

Ficar em paz.

Joseana Souza

Ela mora dentro da gente. Mas a gente consegue perceber quando existe fora de nós. Principalmente quando as coisas são feitas com carinho, generosidade e amor. O Ibiti tem felicidade em cada planta, animal, montanhas e nas pessoas.

Sergio Bara



É ter minha filha aqui ao lado, na escolinha, nesse projeto que é muito bom.
Mariana, a Mari

É trabalhar com o que se gosta, com alma no que se faz, entusiasmo, nesse cenário deslumbrante, imerso na natureza, em meio a desafios e conquistas diárias; superar limites e trazer conhecimento e felicidade para as pessoas.

Maíra

Eu me divirto com o serviço. Fazer o que a gente gosta não é trabalhar, é se divertir.

Seu Domingos

Está nas coisas mais simples; Num dia de sol Num sorriso largo Em poder ajudar Na gratidão!

Érica Ferraz

Ibiti

PROJETO
42 ANOS

Realização
Ibiti Projeto
@ibitiprojeto

Patrocínio
U&M

Coordenação
Raquel Pazos

Direção editorial, edição e textos
Raquel Ribeiro (MTB 15.733)
@raquelribeiroescritora

Projeto gráfico e edição de arte
Jean Pierre Verdaguer

Revisão
Hellen Ribeiro

Pesquisa de imagens
Cecília Varanda e Sergio Bara

Fotos
Jean Verdaguer, MIB, divulgação
e banco de imagens do Ibiti Projeto

Impressão: abril de 2024 - gráfica Impressul.
3.000 exemplares. Distribuição gratuita.

Textos e imagens só podem ser reproduzidos com
autorização expressa do Ibiti Projeto.

Agradecemos a toda a equipe do Ibiti Projeto
e aos amigos que participaram da criação desta
publicação comemorativa.





Junte-se a nós!

Temos um universo de possibilidades para inventar e realizar

Sabático Regenerativo

**Você precisa de uma pausa!
Você merece uma renovação**

No **Ibiti**, oferecemos casas exclusivas para *long stay*, envolvidas pela natureza, para quem busca mais que um refúgio, uma transformação.

E seus filhos terão a oportunidade de se desenvolver na Life School, uma experiência educacional que transcende o convencional.

Parceria Corporativa

Inove sua responsabilidade social com o Ibiti Projeto

Sua empresa pode fazer parte de algo maior. Temos projetos socioambientais para adoção por empresas visionárias que querem mudar o mundo e transformar sua própria equipe.

Oferecemos uma casa dentro do projeto para uso corporativo. Um espaço para inspirar, criar e conectar.

Vamos juntos fazer a diferença no planeta!

+55 32 98446-8889

ibiti.com

